

contos
muito
ordinários

Coelho De Moraes

Direitos de Cópia para
Cecília Bacci & Guilherme Giordano
ceciliabaccibscm@yahoo.com.br
menuraiz@hotmail.com

EDITORA ALTERNATIVAMENTE
produtoresindependentes@yahoo.com.br
TIRAGEM 8000 POR E-MAIL

DOWNLOAD EXCLUSIVO
<http://www.paginadeideias.com.br>
Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa
COELHO DE MORAES
coelhomoraes@terra.com.br

Cidade de Mococa
Abril
São Paulo
2010

A MÚMIA MODERNA

Entretanto, a presteza da Múmia já dependia de fatos subjetivos.

Instalara-se na Múmia um não sei quê de esperteza vivaz e incontrolável. Ela nem enxergava direito, devido as bandagens, mas, parece, vira algo, em meio a tanta poeira. Talvez muito pouco do passar dos anos... talvez um pouco da memória entorpecida por liquores sagrados; ou ainda, a lembrança de um pescoço apertado por mãos possantes, ou seja, uma posse recíproca de ardores, de pés e mãos e ventres, debaixo do altar de Toth. Ninguém atrai como os olhos de Toth, evidentemente. No entanto a Múmia estava errada, na contagem dos dias e das noites, mesmo que a Lua escravizasse a areia com sua prata adormecida. Três milênios depois, há um encontro incidental com o mesmo corpo do antigo faraó, agora desfeito em carnes rotas e bandagens podres. Um encontro na cidade de Goshen, ou na antiga Goshen, hoje muito barulhenta. A Múmia não entendia o por quê da gritaria nas ruas quentes de Goshen. Nem do clichê da abertura.

Alguém lhe bate nas costas: — Ontem viajei numa estação orbital e encontrei Termutis.

A Múmia grunhiu em certo dialeto demótico, para se fazer entender, mas o outro não compreendeu assim mesmo: — Termutis me falou, - a Múmia respondeu, muito sem convicção, tentando ativar uma conversa fluida.

Nesse mesmo momento Termutis surge na lembrança, usando uma roupa transparente, enquanto sorvia um néctar amarronado que parecia tamarindo. A Múmia, mesmo sem muita

vontade, em casa, em palácio, nos jardins solícitos, depois do beijo na face, perguntou, com ar solene e a pulga atrás da orelha: — Tens visto o Sacerdote Aminadabe?

Termutis, acionando uns pedais que ela disse serem de antiga máquina de imagens, continuou a passar esmalte roxo sobre as unhas:

— Faz muito tempo que não. Da última vez ele me disse de uma estação orbital. — Termutis virou-se para a Múmia —, mas eu nem sei do que se trata uma Estação Orbital. Será alguma coisa em volta dos olhos?

— Estação orbital é mais ou menos como um Play Station só que dez mil vezes maior. Nem ontem? Não encontrou Aminadabe... ontem?

— Aminadabe?

— É... um careca metido a sebo de camelo.

- Não... Nem ontem. Nem ant'ontem. Nem trans'anteontem, como dizem os Giordanos de Roma. Ai! Borrei. Ts! E por que, justamente, ontem?

— Nada. Tive um sonho. Pode ser que os deuses me previnam de algo de péssimo augúrio. Preciso fazer abluções.

- Não desperdiça água nem o leite de camela.

A Múmia não disse mais nada e caminhou para sua sala de mármore. Temperatura amena, para poder pensar melhor; percebeu-se branco como papiro novo, abriu um armário coberto por fina cortina de seda, apanhou uma lança ordinária. Ou Termutis mentia, ou Aminadabe estava jogando alto com seu futuro! A Múmia voltou para o jardim; disse a Termutis, ainda imersa em um game sofrível:

— Você pode vir até a sala de banhos?

— Só vou terminar esta fase...

— Já! — gritou - Não vou esperar nada...

Termutis, olhos abertos, levantou-se e foi à sala de banhos, que aliás, tinham o aroma do jasmim, mas, isso em nada alterou o curso da história. Entrou. A Múmia estava no fundo. Ergueu a lança. Cruzou os braços. Termutis, atônita, parecia sorrir, afinal a lança estava erguida. A Múmia contou do que sabia. Termutis nem piscava.

— É hora de você se abrir de uma vez, minha cara Termutis. Já sei de quase tudo.

- Ôpa! Se abrir é comigo mesmo; com lança erguida é claro que eu me abro, - e se deitou de costas.

- É melhor não brincar! Eu já sei de tudo...

— Sabe de quase tudo o quê, meu filho? Que é que foi?

A Múmia passou a discorrer, sem parar, um sermão interminável! Disse que mandara os guardas secretos do templo a perseguirem! Que os passos de Termutis eram passos espionados.

- Só não sei, ainda, quem é o canalha! — segurando a lança falou aturdido: — Vou matar esse jacaré do Nilo! Aminadabe de uma figa de Amon-Ra! Não passa mesmo de um filhote de Hicso!

— Não faça isso. Seria uma injustiça! Tem mais gente. O templo de Senaqueribe... mais as lésbicas das ilhas do norte... sem contar os hebreus leprosos do leste, - e num ímpeto histórico ela disse tudo, inclusive as orgias no templo de Ishtar, que pertence a outro time. - Eu fartei de chupar aqueles dedos destruídos.

Aí foi só apertar o pescoço de Termutis, durante um tempo, depois de tê-la empalado lentamente. Ela ainda teve tempo de dizer, com a voz rouca:

- Ainda não sei o que é uma Estação Orbital.

E morreu com a unhas muito roxas.

BEIJOS E CONTRAÇÕES PECAMINOSAS

São 144 beijos (porque esse é o número reduzido dos eleitos para o Empíreo) deixados, soltos, liberados, lançados pelas bocas de Bruna, Nana e Kaká antes de desaparecerem em seus respectivos rodopios.

O beijo 89, por exemplo continha uma fabulosa orgia de babas que simularam máquinas de balas gomadas... O beijo 90 era dono de 32 arcas de encobrir, como diria Vicente... e superando, em muito, o número de bonecas infláveis... mas, as bonecas reapareceram, Bruna, Nana e Kaká, vieram, já desnudas, excluídas do rodopio das nuvens..., cada boneca representava uma personagem na vida de Gil Vicente, afinal era disso que se falava no palco.

Bruna, Nana e Kaká identificadas com seus devidos nomes em crachás reluzentes, traziam o beijo 20; o apresentavam em vítreos fragmentos de copos projetados em paredes encharcadas de liquores e desejos: resultado do último congresso. É bom lembrar que tais liquores saíam das

vulvas de Bruna, Nana e Kaká; por muito tempo foram consideradas vulvas enigmáticas, dado o excesso de vermelhidão que acompanhava o desfile despidendo delas, mas o que se podia, realmente, provar era que os liquores tinham variegados sabores, facilmente palatáveis com um passagem rápida da língua de juízes argutos tais como os juízes de concursos de literatura e juízes que são juízes até os 70 anos de idade.

Beijos e vulvas, condição sine qua non. Em duas laudas e meia.

O liquor de Bruna tinha o avantajado do café domado; o liquor de Nana era uma faca tecida de orvalhos cambiantes e, do de Kaká, não se esperava mais do que restos de sangue dos godos esparramados pela campina romana. Era o que pareciam.

Então, dois comboios carregados de beijos chegavam de Arceburgo –pequena cidade ao Norte, repleta de lobisomens – e, outros tantos vinham de São João, que não tem lobisomem mas pulula nela uma equidistância anormal entre as esquinas.

No fundo, os beijos de Bruna, Nana e Kaká, e suas respectivas vulvas repetiam, numa escala diminutiva e separatista, o trabalho de Messalina e outras garotas libertinas do passado... sim... era isso... as meninas Bruna, Nana e Kaká riam de ingênuas, mas nada disso eram. Ora, com o desfile, suas nádegas se apresentavam como dinâmicas cadeiras, e a ergodinamia desse equilíbrio saía nas fotos digitais com tanta evidência que alteravam a pixelagem das tais máquinas. Dessa mesma cadeira ou nádega surtia uma definição de bunda extraída de dicionário eletrônico e bem diferente do que Camilo Castelo Branco admitia bunda ser. Algo inusitado. Mas se o interesse de Bruna, Nana e Kaká era refletir sobre a relação entre sujeito lúdico, imagem liquefeita e conceito desmotivador, bem, nesse caso, o trabalho delas era usar tudo isso com uma finalidade de auto-reforço em qualquer jogo de truco. Bastava que ajoelhassem em nível da ilharga.

Bruna, Nana e Kaká, devidamente articuladas e de mãos dadas, passearam sobre o palco em metáforas e discursos onde prevalecia a musculatura de suas pélvis movediças. A música tecnológica pulsava e um quilhão de imagens ribombou nos ares, assim contavam as pessoas da platéia, estupefatas e completamente chapadas. Ao contrário dos renascentistas, Bruna, Nana e Kaká, não se questionaram a respeito da língua jurídica que utilizava sua languidez para espremer mais sucos das vulvas - Bruna, Nana e Kaká exultavam quando isso acontecia e a platéia pedia mais:

- Mais sulco de vulva!

- Suco de vulva!

- Sulco de vulva!

Não sei se é necessário esclarecer mas, tais vulvas e genitália apresentavam uma qualidade de flexibilidade tamanha que alguns exegetas apontaram como a nova descoberta de um grande artista esquecido e disseram, peremptórios, isto é arte de retravanguarda. Apontavam, assim, para as bundas empinadas das meninas. Segundo o artista, morto em tiroteio de alvejantes, a

retravanguarda é a conjunção do aparelho genital com o aparelho anal... tudo isso contra o status que a burguesia entusiasta da pederastia quis defender. Não vemos igual em nenhuma das mídias.

Bruna, Nana e Kaká também pontificaram, que essa era a parte mais frágil do trabalho. Assim diziam enquanto balançavam seus cabelos coloridos numa clara indisciplina. Elas incorporavam e extravasavam a imagem de profetas... elas recebiam seguidores em suas câmaras ardentes... elas descreviam iniquidades e piruetas mis. Os juízes decidiram que as vetustas moças seriam motivo de curiosidade e injustiça, pois desejaram Bruna, Nana e Kaká, somente para eles, no íntimo de seus fóruns e longe da sociedade e, ainda, queriam-nas esquecidas, pelos jovens de seu tempo, por meio de uma vulgagem simbólica, coberta de mistério. Quiçá orgástica.

Era um totem o que desejavam os juízes? No entanto, totem é falo.

Mais interessante que isso foi seguir a vitória das garotas sobre os habitantes da cidade, e, seus pobres juízes – elas, de mãos dadas e mascando balas de alcaçus - como num filme amador, romance aberto em flor; mais do que sério seria levar a sério as libações de novos liquores e bebidas gaseificadas. Havia uma ordem de mãos e perna e coxas sobre o cosmos, somente controlada por meio de frases, que parecem ter saído de uma Bíblia como outra qualquer, tendo Noé como aliciador de filhas. Bruna, Nana e Kaká estavam expostas. Suas genuflexões abandonaram os limites físicos do chão. Elas haviam adotado a postura do cisne que bebe as águas de um veio lacustre.

O ilimitado sistema funcionou, pois, os juízes perderam as forças e caíram por terra, tendo os báculos e cajados amolecidos nas mãos. Alguns deles foram rasgados por dentes prestativos de Bruna, Nana e Kaká – neo-bacantes - porque a ordem de grandeza do investimento bucal realizado era poderosa. Eram seus primeiros experimentos naquele dia e, não estavam acostumadas a tanta grandeza junta.

DAS TINTAS, ORAÇÃO

Não... Não! Ele não poderia amar... sim, poderia amar ... nem sei se poderia dizer qualquer coisa, além de tocar superfícies... contudo, não é este o ponto de vista aqui adotado, pois o marmota daquele pintor cego acabou por desenhar em toda a parede... cobriu-a de nenúfares e tons de azuis de água escondida... ele, o pintor, adotava uma espécie iridescente de oportunismo maquiavélico. Cego e burro, oferecia arte, assim como quem come pão e manteiga. Ele compreendia que a arte serviria como caminho para uma realidade inferior, mas nunca teve a pachorra de estabelecer limites para a realidade superior. Volta e meia a realidade saía das gavetas – fluida que era - e caía no chão do quarto. Ele, cego e entorpecido, andava sobre ela. A arte espalha ramas pelo chão. Todo mundo sabe que a realidade, quando está no chão, tem uma cor cinza opaco.

O pintor cego, mesmo que insano, livre das interferências visuais, era tido como gênio e carregava consigo baldes de variadas tintas e bisnagas de têmperas anômalas.

Ele e sua brocha larga e feiticeira, ao mesmo tempo, ofereciam entretenimento e diversão (começo meio e fim, bem de acordo ao gosto de juízes literários)... ele e sua brocha ofereciam ampla arte pictórica, assim como um estalar de dedos, repito, à platéias cultas e comodistas, desacostumadas aos experimentalismos. O pintor cego e imundo jurou que, no afinal das contas, ele trazia sonolência e, pude ver, muitas vezes, seus cabelos, traziam lândeas para as multidões. Ou as duas coisas simultaneamente.

Pintor sem sucesso, mas muito famoso em seu tempo, se é que o paradoxo confirma essa desdita, enfim, se liga mais ao fato de espantar multidões para buracos medidos em côvados, aos quais os cientistas teimam chamar de galerias.

“Hoje, em plena era neo-renascentista, qual a importância exata atribuída a museus e galerias, se temos paredes e postes e calçadas abertas às tintas?” – clamava aos ares, ele, o pintor, a todos os pulmões, e, ainda, chafurdava as escadas com têmperas densas. Restos respingados de tinta.

- “Não sei se é evidente, mas, proponho ver com reservas essa patranha de dizer que o novo foi criado. Isso é mentira!” – gritava, o pintor cego e nauseabundo, cobrindo de anis e violetas a todas as flores; cores de tintas densas: – “Eu nada vi de tudo!! Eu que não sei o que é a eletricidade!! Já andei por Pasargada e o poeta de física fingida está lá. Eu vi!”

Ao ouvir isso a multidão passou de lenta e pastosa a furiosa e iconoclastica, no entanto o pintor mascarado de tinta roxa continuou: - “Inútil tentar saber se o prestígio do pintor é a mesma coisa que tentar saber se o tato vale mais do que o olhar. Acredito na simbiose e acredito que os ingênuos podem herdar qualquer reino. Principalmente o dos céus... mortos... desconfiar, sempre. “

Foi nessa hora que o pintor cego recebeu uma bengalada de um velho nonagenário que não conseguia se livrar das dores nos joelhos e jurou ter caído na piscina com roupa e tudo.

Ambos foram ao chão e rimos daquela briga entre heróis.

O BANCÁRIO

Um bancário de hábitos irregulares, movido a carimbos e carbonos, os dedos ímpares em estado de letargia, seguia o sol, na saída do trabalho, tentando observar a formação do arco-íris, assim como quem vê uma plantação de losna. Era obrigatório passar no jornaleiro e se alimentar de novos filmes e receitas de bolo. Logo após a alvorada, ele, o bancário com lesão por esforço repetitivo, sentava-se para tomar um capuccino com a família, na varanda, voltado para as faces caninas do seu Bull-Terrier dorminhoco. Às onze queria lanche adequadamente; almoçar, por assim dizer, mas os carimbos esperavam por sua mão tardia e lenta. Tentava o lanche vespéral, com a família na varanda voltada para o rabo do seu cão Bull-Terrier. Na hora do almoço, comia em poucos bocados, a família no terraço, um sol de somenos avançando para a morte-poente, nem ligando que as janelas davam vista para o flanco do Bull-Terrier. Por volta das vinte horas, o bancário jantava com a família no jardim outonal, tornado que era para o outro flanco do Bull-Terrier dorminhoco que jazia sobre taturanas e, assim que escurecia, o bancário fazia exercícios para os dedos, antes de ir para a cama.

U'a manhã, o bancário percebeu que a água do vaso sanitário descia girando para o lado contrário e, esperou pela convulsão final dos hemisférios, algo assim como um apocalipse sem revelações. Mas, tal não se deu. Então, o bancário teve que sair para as ruas, pois, intermináveis filas de carimbáveis, carimbantes e carimbebas o esperavam do lado de fora do banco; o bancário, adequadamente, vítima de sinusite, passou o dia sozinho, à sombra da sua fila, e nunca mais se sentou ou comeu com sua família e nem olhou para lado algum de seu Bull-Terrier de olhar mortiço.

Enquanto esperava a aposentadoria, dedicou-se à extração de vesículas biliares e cálculos renais, sob os cuidados de um certo médico da cidade que, em tempos idos, havia estudando com Joseph Menghelle.

Sobrava, então, a noite.

O FUTURO É SEMPRE HOJE

No entanto, enquanto fugia pela rua, cobrindo a cabeça com jornal, por causa da chuva, é aí que a porta torce o rabo, para usar uma expressão moderna... as calçadas estavam movediças de tanta sujeira e inclua-se aí os camelôs e piratas da atualidade. Subi correndo a escada íngreme, eu, que queria chegar depois das preliminares formais, pois, diferente dos outros cidadãos, não me dou bem com essa coisa de bom relacionamento.

Mas, já que estou aqui...!

Existe um encanto nas preliminares, encanto forçado, é bem verdade, por assim dizer, principalmente para quem fica olhando, mesmo que do canto do quarto ou da sala, e eu sinto vontade de replicar estas imagens ou, pelo menos, multiplicar, zilhoneplicar, enquanto o artista principal, um certo Alzheimer, não vem. Tais imagens, na minha memória, enquanto memória ainda funciona como tal, são eventos voltados para o futuro... essa coisa informe que nunca existiu, nem mesmo nas mentes dos profetas. Eles mentiam e era só...

Do que é que eu dizia mesmo?

Ah! Há um encanto em tudo isso de preliminares... os dedos se alinhando às dobras da pele, uma umidade escorrendo, tudo isso é muito interessante. Outro dia mesmo havia um pessoal que fez, sobre mim, críticas quanto ao teor dos meus escritos pois, segundo eles, eu só escrevia sobre preliminares... nunca terminava a história. Mas, eu pergunto, qual história acaba?

Eu sei que prevejo benesses e glórias nesta vida, na outra – a que não existe – e em vidas passadas que também sumiram na poeira das ruas, como dizia o poeta do samba.

Vi, também, se bem que o cortinado de madeira indiana interferisse um tanto, o rapaz passou as mãos sobre o lombo descoberto da modelo, da moça, daquela mulher, e ela gemeu. Parece que as preliminares eram bem feitas, mesmo tendo a TV ligada. Aproveito uma pausa entre beijos lá deles

e zapeio a TV e encontro filmes velhos, carcomidos pelo vinagre, antigos, muita coisa no preto e no branco, outras em estado de ocre fechado, releituras...

Será isso o futuro?

Hoje mesmo, antes de vir para cá e tomar a chuva que me desfez o penteado da revista, eu dormia sob a manhã sonolenta e sonhava com preliminares de vários tipo, com dedos, dois, entrando e saindo das dobras, com beijos nas axilas abertas, com lambidas generosas em várias partes do pescoço, e isso era sábado, dando uma idéia de que tudo se prometia e prometiam tudo a todos... pura ficção.

O que sei, agora, é que no sentido de prender a atenção do espectador, as TVs repetem os estados de animação suspensa... eles são pré-programados... rompantes de um frívolo despertar... um sábado ofuscante onde cães ladram e as caravanas passam sobre os cães... sobre os cães... sobram os cães... mortos, sobram eles, e eu vi que me debatia pela criação de algo inesperado e isso é inegável. Quem negará?

Estou só... os dois da cama nem ligam para mim que somente perco meu tempo a olhar de soslaio, e posso compreender que isso é o futuro ou a paradeza do tempo.

Na TV o tempo nunca passa... percebi que a mulher deu uma olhada inexpressiva para a tela, enquanto lambia, sem muita convicção, a língua do seu companheiro de preliminares. Parece que eles entenderam que preliminares podem ser mecânicas... Há uma imobilidade nisso tudo. Nem tudo é atenção o tempo todo. Algo chamou-lhe a atenção muito mais do que o roçar de lábios e mucosas contraídas. É como o que já se já viu num filme... os que vêm depois, aos quais chamamos de jovens, teimam que é novo aquilo que um dia já se fez presente... nem sei... é como o casal que sempre pensa que seu amor é único.

Essa coisa de ignorância tem suas vantagens, enfim.

Hoje todo mundo fala em blog da internet e eu me lembro da propaganda em que um japonês explicava em italiano que todo mundo falava ao mesmo tempo e não se entendia nada – Tutti Il mondo parla a lo stesso tempo e tu non capice nulla. Torre de Babel. Olhando o casal, criei uma familiaridade e uma certeza de haver compreendido – aprender beijar sem nunca ter feito coisa igual - como uma lição bem apreendida e compreendida – e isso me deu a certeza de uma superioridade ímpar - mesmo que a artrite me fizesse lembrar, em meio a dores e dificuldades, de que nada se pode mais mover como antigamente, nem os pés sob a mesa, nem a mão sob o cabelo na nuca, sem que no meio das preliminares se solte um gemido de dor...

Pergunto: antigamente terá sido futuro de alguém?

Distraidamente deixei a luz brilhar mais do que devia e a mulher estendeu a mão para mim.

A satisfação, por exemplo, o prazer com as mãos, lembra? Ela tinha esses espasmos e trejeito e assim sendo puxou-me para si, mordendo minha orelha. Ela demonstrava que tinha compreendido a trama da novela, e se fazia de expert na tentativa de provar isso com o calor de seu ventre. Coisa de enredo obscuro. Ou, quem sabe, etiquetas na lebre morta ou no prato de ferro explicando o que significam exatamente, assim o incomunicável virava prato do dia de fácil digestão.

Não sei. Nunca sei.

Acredito que entre meus atributos estão a longevidade. Procuro agir com certa linearidade. Visito meus amigos, sigo os conselhos de anciãos, levanto-me e escovo o que resta dos dentes... e, por outro lado, com dificuldade crescente, deito na cama daquele casal e participo das preliminares... literalmente, como se tudo não fosse mais do que um processo de construções da memória.

Reconstrução. Aqui, nesta cama animal, afinal, não existem objetos com significado deduzido das

relações, pois a mulher me puxava para modificar esses saberes instintivos e quebrar a monotonia... preliminares monótonas?...

A chuva ainda permanecia firme no teto da casa.

Hoje, ou no futuro, o óbvio e literal é trocar as fraldas para não mijar na cama.

Afinal... a mente humana!! Se desligar a TV, hoje, é um ato de inteligência, não sei como medir quem trabalha na TV.

- Você não me quer? – ela disse.

- Só estou assistindo, – minha boca estava cheia de línguas.

- Você me lembra os dadaístas – disse o rapaz que olhava, agora, por sua vez. Para mim os dadaístas não passavam de artistas iletrados...

- ... analfabetos - eu disse, enquanto preparava uma taça de vinho – Vi muitos deles nos salões, nos campos fotográficos, nas instalações precárias de estações de ferro... muitos deles eram gagos ou intimidados.

Desvencillei-me do seio que a mulher teimava em enfiar na minha boca e disse: Os surrealistas... são todos sonhadores e buscam uma lógica... são lógicos... nas idéias de Freud, nada mais...

- Ao contrário, - a mulher falou, saindo da área de ocupação das preliminares e tentando abrir a minha roupa, - é preciso deixar aflorar o desejo.

- Quando?

- Agora. Não espere chegar aos 90 anos, pois aí entrará nos domínios do futuro do nada.

- É sempre assim, - disse o rapaz, - ela demora e quando chega, chega sozinha. É difícil acompanhá-la.

- Cara... que tarde para pensar numa coisa dessas!

Por que não aconteceu tudo isso quando eu era alfaiate e trabalhava 16 horas por dia? – pensei.

Mas os meus objetos – roupas, costuras, tesouras e alfinetes - como quiserem, não são nada disso, nada de objetos que buscam memória ou plantam lembranças, não. O rapaz olhou a programação da TV e desligou-a. Foi para o banho. O próprio objeto, – o giz da calça e se deve articular bem o L das palavras – o próprio objeto conta uma história dentro duma caixa cheia de agulhas e linhas e régua curvas; eu fugi de várias histórias de amor e agora, sem mais nem mesmo, estou dentro de uma mulher que me agarra fortemente... outra história maior que começa e acaba quando eu lembro que um dia meu pai saiu com os irmãos e não voltou mais... ou melhor... ou pior... voltou morto (sim, a personagem principal morre. Morre logo no começo).

Isso parece triste.

A mulher, no entanto, começou a se mexer e urrava. Tornou-se objeto. Espécie de bruxaria ocorria na sala. Maldição! O objeto presente parece que trabalha para que a ficção se torne real. Nesse caso não existe um narrador que explica tudo. Só existe o “é”.

Ainda não entendeu, você que julga?

Se não entendeu procure o conteúdo em uma de suas esquecidas folhas de jornal molhado que lhe protegeu da chuva, mas, não protegeu da mulher sediciosa.

Ela, controlando toda a situação, determina rigorosamente cada detalhe. Pega minha mão e a põe sobre o seio, pega a outra e a mão espalma sua bunda. Nada está solto ou foi deixado ao acaso. Ela controla tudo, como se zapeasse meu senso e determinasse a programação a seguir. A reunião de objetos, a reunião de beijos molhados, não reflete sobre a linguagem, mas atrapalha o idioma quando você quer gozar em outras línguas, por exemplo.

Com seu sexo selvagem a mulher conta uma história, que é reforçada por filmes, livros, material de publicidade, material do sites, enfim, o sexo naquela tarde chuvosa estava programado pelas redes

de TV. Nem é preciso instalações incompreensíveis com três televisões, canais de várias antenas, parabolismos voltados ao céu...

Só TVs, com estática, ligadas numa sala vazia.

Como sei, se não entrei na sala? Se entrasse já não estaria vazia.

A TV estava ligada, a mulher gritava de prazer quase solitário pois eu era mero observador ali e percebi que há universos paralelos, verdadeiros, uma segunda vida por assim dizer, e, um grande prazer reservado aos que se dedicarem ao coito contínuo. Prazer que traz ensinamentos morais, uma vez que o profeta possui uma curiosidade artística amoral que não se detém diante de tabus sociais.

Nem notei que o rapaz saíra do banheiro e fora embora levando a toalha.

Ladrão.

OUTONO COMO TEMA E COMO GOZO

O que marcava o Outono, eu ouvia dos poetas clamando nas ruas, era seu alcance, potencializado pelo domínio de Luas diferenciadas. Em priscas eras o Outono abrangia metade do hemisfério e muita gente orava desesperadamente para deuses inexistentes, com medo e temor do desconhecido. Para mim o Outono nunca foi um desconhecido. A cada Lua uma graduação de Outono. Mídias prateadas que marcam juventudes e épocas heróicas. Ou folhas. Folhas amarelas, folhagem ocre que, muita vez, cobre ruas com célebre algazarra de ventoinhas. O Outono, graças à sua atualidade onírica, lúdica, impessoal até, parece ter o dom da multiplicidade e do hermetismo. Certamente é uma novidade selenita sempre aberta à contemplação. Daí as vagas de poetas. E é essa mídia de Luas diferenciadas, que me marca e me faz lembrar volúpias, ouvindo e sonhando no bem bom dos cobertores, da corrente de poetas cantadores, andarilhos nas ruas alojados, bajulando namorados, colorindo a noite com loas de trovadores. Isso eu ouvia do meu quarto. A janela até tremia de tantas vozes suplicantes, todas ornadas em graves fás sustentidos. O queixume de poemas outonais, dos quais tanto desconfiavam os modernistas, inclusive os futuristas, ainda

exerce em mim um fascínio constrangedor. Vivem tais poetas da madrugada finda, aclamados por um público dormente.

Na apresentação que fizeram na noite, nas ruas da minha cidade natal, os poetas, num desenvolvimento de cena com imagem ao vivo, mostraram danças a três tempos. Danças que lembravam Goethe e Valpurgis. Mas não vi mulher alguma. Por misturarem, ao vivo, fragmentos de obras literárias, criaram o que foi chamado, aos berros, de literatura poética presente, não narrativa, mas, que se manifestava através dos toques de dedos ágeis em tambores singelos. Muitos, rebeldes, não entendiam por que os textos tinham que ser escritos, obrigatoriamente, com limite de quatro páginas. Por que não duas ou cento e oitenta? Mistérios. Mistérios nada!... é questão de tempo dos jurados maravilhosos e de papel, caso sejam publicados.

Outros, menos interessados na burocracia, levavam aulos à boca a modos de beijos sonoros. Espantavam sopros. Os poetas, por sua vez, levantavam maços de folhas e jogavam-nos ao céu, recebendo de volta duchas vegetais. Gritavam, a esmo, ladainhas e redondilhas. Exploravam a quebra de limites entre as práticas poéticas, ordens da natureza e bocejos numa noite de Outono. E, acabavam por ultrapassar o tal limite.

Há que conter a criatividade, pois não.

- Cai a folha / piso a folha / rasgo a folha / tinge o chão de amarelo / salpica a vida decadente / formidável é o canto do mundo, – dizia um trovador vestido de panos de algodão e turbante vermelho, sem brilho algum.

- Os tapetes da rua me levam / no andar de cima: construções / mãos ásperas apalpam tijolos / carregam na massa cinérea / levantam sobras de reboco barroco / e eu toco minha flauta / seguindo o granito tapete da rua, – gritava outro, do lado da rua em que o vento não sopra.

- Cinza tarde / azul de céu sem sonhos / grisea noite de brumas / é portal de passagem / a lua se aventura nas noites de Lilith, – eram as possessas palavras do terceiro trovador, justamente o que carregava montanhas de plásticos em volta de seu corpo.

Os Outonos que vivi eram de material bruto que operei ao vivo, sempre ao vivo... Pareciam coisas novas, mas, nada disso existia, realmente. O que eu tinha era pouca idade. Levantava a mão como quem conhece algo; batia na janela que se abria e os poetas, então, olhavam, esperançados, para o meu quarto. Olhos vivíssimos e cantares maviosos. Tive que retirar as cobertas e perceberam que eu estava romanticamente nua, banhada de lua e uns arrepios. Aplaudiram, é claro. Comparando minha forma bela com a das deusas e musas, a tessitura da pele e a cor das virtudes, foi como se um livro de sonetos publicasse pinturas; os poetas exortavam a mim com total liberdade criando valores novos. Passaram a dedilhar minha harpa carnal. Com certo malabarismo e esticar de pernas eu pude levantar a virilha na direção dos cantantes. O vozerio foi magnífico. Um vento de imagens tardias pôs em movimento nova esquadrilha de folhas... A madrugada desaparecia em horizontes antigos, horizontes perdidos em arquétipos anacrônicos e fugazes. Eu não suportava o peso da respiração arfante. Os poetas contaram histórias em meu corpo. Muitos deles se benziam com o líquido da minha caixa de Pandora.

Desde os meus vinte anos espero esse vento, mas o vento tradicional, estruturado nas penedias do oeste, nunca deixou de existir, isso eu sei, só questiono o por quê da tardança, principalmente quando a tese da morte do gozo tradicional, está adequada à poesia de Maio. É lá que se (des)Maia.

Pela janela um conjunto de braços erguia meus quadris... mãos lúbricas mexiam em mim, eu, que apresentava uma estrutura de enredo de escola de samba, sem a bombarda dos tambores, com metade do corpo nu pendurado pela janela... só isso já teria uma história.

Então, é isso... as pessoas têm seus desejos e eu lhes dou minha vida nisso, faço com que contem e vejam histórias que dêem sentido ao mundo. E é exatamente assim que os poetas trovadores servem o público, através da minha lira: um discurso de cio e gritos, perfurados por rubores de peles gozosas para platéias eruditas; diversão incompreensível para as massas famintas. Diversão óbvia para inúteis poetas outonais.

Extenuada expeli os últimos tremores de minhas carnes, enquanto um suor profuso era mais que profecia duvidosa sobre o futuro de um mundo que se perdia em seu último outono... Difícil saber. Aliás, é mais divertido o suor descompassado, sabendo que a manhã já chega e os trovadores se transformarão em maletas... maletas que viajam... viajam, lambendo os dedos e os selos... maletas abertas como outras e robustas caixas de pandora, despreocupados, buscando cabeças para quebrar cabeças pensantes, já que na noite seguinte eu estaria lá, aberta ao dedos e braços apetitosos dos novos autores nas artes de um Outono vago, sem presságios...

PADRE INSETO

Um padre, daqueles que adoram petizes, também era dado a outras impudicícias, seculares manifestações doentias como, por exemplo, freqüentar a academia de ginástica ortopédica. Atleta amador, o padre achava que as mulheres, os jovens, as aeromoças e os bebês chorões não passavam de pulgas amestradas, ginastas como ele, saltitando por todo lado em busca de nada. Nihilistas, por assim dizer. Preferiam o Nihil Obstat.

Lagarteando ao sol, às vezes, espetava-lhe, no baixo ventre, uma necessidade imediata de penetração e ele procurava, assim como quem nada quer, umas bundinhas pueris de alto valor no mercado clerical. Os cem mil seguidores da ginástica erótica e poética – conhecida como poerótica, - encasularam-se em papiê-maché, pois o aroma clerical era evidente, e algo parecido com mofo, bolor e adiposidades. Outros padres e outros bispos, adeptos do esporte da sedução mirim, durante muito tempo se dedicavam à ginástica de Onã, com a cabeça aureolada imersa em sonhos de jovens em felação contínua. Gostavam, também de fita métrica, fita adesiva, das marrons, para amarrar os pulsos e, das prateadas, quando se referia a amordaçamentos bentos. A fita amarela seria gravada com o nome dela ou deles, dos catequizados, ou somente com o dela, caso o padre entrasse no purgatório.

Era importante aguardar a metamorfose. Os que sobreviveram à hóstia consagrada, depois de abrirem, com dor inicial e prazer final, os esfíncteres anais, permitindo que o cetro vicário os invadisse, tais sobreviventes, iam imediatamente ao barbeiro, efetuar a tonsura, pois beatificados estavam; choravam, sem que ninguém desse pela perda dos cabelinhos traseiros, ou, por outro lado, íncubo, pela perda do cabelinho traseiro, dessem. Havia os que jogavam peteca nesses dias. Dir-se-ia que iam aos fungos, à sufocação da memória e aos pássaros libertos de outras mãos afáveis que lhes alisasse a pelve; dir-se-ia que foram, foram sim, ao serem libertos, imediatamente fincados nas barras duplas, nas abluções matinais, e nos ringues de luta animal, empalados, mais uma vez, por assim dizer, no cajado episcopal, adormecidos por pesado cruzado de direita, e enviados, sem qualquer tardia, para os mais profundos e suaves nácares de uma colméia celeste chamada Empíreo.

QUEM COMIA TERRA?

A mocinha, gerente do CIT - Conselho Intermunicipal da Terra - trabalhava dezoito horas por dia sobre o computador de última geração, feito da lata e aço retirados dos dentes de velhos marinheiros mortos.

Reciclagem.

A mocinha passava suas horas sem pensar em almoço algum, pois bits e bites a alimentavam sobremaneira, mas olhava, ela, pela janela e podia ver, em um terreno vizinho, montes de areia laranja, e nas suas pausas para o café se mantinha observando a argila dos campos baldios. Nas noites de domingo ela se prontificava a ajudar um arquiteto desnorteado que pensava ser eleito com maioria de votos, sócio do clube congregacional cristão, que era seu novo-vizinho; nas manhãs de domingo ia ao comitê agrário observar e palpitar sobre matéria bruta de granitos e pedras brilhantes, algumas pedras tropicais, outras nada tropicais, nem parecidas com minérios que semelhassem a fósseis.

Naquela manhã, como quem extingue sonolências, ela plotou uma minhoca. A minhoca escaneada tiritava.

Sempre que podia a mocinha carregava sacos de areia e terra para sua casa e pedia ajuda a amigos, no entanto, era pura brincadeira e passatempo. Ela enterrava coisas. Apesar do aroma nauseabundo pensavam que carne fosse. E, carne era. Carne humana. Brincadeira sem graça, até. Porém, antes do trabalho lia ou "A História da Terra Prometida" ou os "Tratados de Geologia e Anelídeos", lia alto, tanto que os fiéis da Igreja Episcopal ergueram um muro de cimento cru entre a casa dela e eles. Não aceitavam que o macaco tivesse surgido da pedra. As crianças da turma matutina da Escola Dominical, por sua vez, lambiam o frio do cimento, despudoradamente, e isso era certo. Necessitavam do ferro da terra e cal.

Em dias alternados de segundas-feiras a mocinha cantava canções e citava poesias de carvoeiros e pedreiros, sempre com um copinho de pinga do lado.

Certa vez, em um clube de construtores coletou dinheiro para um certo Fundo da Terra Incógnita. Mas, nos raros dias de folga, ela, a mocinha, se dedicava a traçar desenhos e retraçar sulcos sobre asfalto, à procura de terra livre; ela ia com o namorado de uma amiga, que também trabalhava em comércio de húmus e terra vegetal. Em quase todos os momentos, ela, a mocinha, sem qualquer atenção, simplesmente se alimentava de um torrão marrom, friável, que ela chamava de minha terra-interna.

Comia-o com manteiga.

AS AVENTURAS DE ROBIN RED

De como Robin Red, acompanhado de alguns saltimbancos, chega a Plus Qui la Cité para salvar a donzela Josélia das mãos dos temíveis, falsos moralistas e chantagistas Ferrartortos.

Robin Red era um viajante do tempo.

Naturalmente, ele vivia no século XXI, mas, numa certa manhã, durante suas experiências e erros, viu-se lançado no cósmico dos espaços, indo parar no caos das terras: Plus Qui la Cité.

Surgiu, repentinamente, na praça principal de Plus Qui la Cité, em pleno século XIV. Um idoso de 90 anos, transformado em chumbo, espantava moscas. Robin Red, surpreso, notou que as pessoas andavam com as cabeças baixas e envergonhadas. Alguns medrosos e outros aterrorizados e outros ainda viajando no tempo sem sair do lugar.

Percebeu que a cidade era recheada de carolas e beatas e falsos profetas e viu que isso era mau.

Naquele momento uns saltimbancos se aproximaram. Gente gabola e interessante como somente o pessoal de teatro pode ser. Muito agradáveis. Na conversa o pessoal do teatro informou a Robin Red que um clã de moralistas fanáticos estava impondo censuras e cesuras a uma das moças do feudo. Uma tal de Josélia, talentosa e interessada nas viagens e nas encenações que os saltimbancos faziam. Josélia caminhava com um seio à mostra. Além disso era dona de farto par de tetas que muitos desejam impor as mãos, pudicas mãos... Ela tinha o saltimbanquismo no coração e nas entranhas.

O pior dos moralistas era um tal de Conde de Ferrartorto, desbundado dos quatro costados que

queria ditar normas e carolices antiquadas para os ignorantes do feudo.

— Sim! - dizia Robin Red - somente os ignorantes é que se subordinavam a uma fé sem questionamentos. Isso é coisa da Idade Média.

— Mas, estamos na Idade Média, Robin! - replicava um dos saltimbancos.

— E vocês, porquê ainda estão por aqui?

— Questão de tempo, Robin, logo logo alcançamos vôo. Por enquanto a nossa missão é abrir os olhos dos parvos e oprimidos.

— Coisa que o teatro sabe bem fazer.

— Por isso que o tomam como perigoso - Robin opinava, pestanejando, sem tira os olhos dos mamilos agudos de Josélia.

— Sim. Uma perigosa terapia da alma.

Feito isso, Robin Red rumou para o castelo do Conde de Ferratorito. Ia ele e os saltimbancos. Os habitantes de Plus Qui la Cité teciam comentários sobre aquela trupe estranha, vestidos com camisetas ora pretas ora azuis com o "S", ora amarelo, ora prata, "S" de saltimbancos estampado orgulhosamente no peito,

A primeira medida para livrar a donzela Josélia seria a edição de um jornal. Na página central as mamas infladas de Josélia, sendo que no extremo esquerdo da página, uma língua tentava alcançar a auréola. Esta foi uma medida muito eficaz, já que a cidade vivia sem jornais... e, sem informações. O único problema era que a prensa não havia sido inventada, nem a imprensa... Os vilões - moradores das vilas locais - não se importavam com educação e cultura dos povos - e não se ligavam numa mídia (coisa moderna). Por isso, Robin Red e os Saltimbancos resolveram fundar "A Carroça da Cultura", informativo e produtor de inteligências, nem que tivessem que fabricar carimbinhos de madeira. Assim teriam uma arma para defender Josélia da ação dos malignos Ferratoritos e suas ações pudibundas.

Mas, Robin Red e o grupo não contavam com o dedo sujo de uns cortesãos analfabetos que dominavam o poder do Alcaide - o inimigo número zero do Conde.

A resposta de Robin e os Saltimbancos foi a encenação da peça "Os Babacantes", em justa homenagem aos governantes, durante as calendas juninas.

A reação que tiveram os conselheiros do burgo é o que veremos num próximo episódio algures e alhures.

UM OUTRO OLHAR

Não podia adivinhar que o simples fato de nos apresentarmos para o jantar fosse causar tanta polêmica. Confesso que acabara de ler Bertrand Russel e recebi ordem expressa de por a mesa para o jantar. Fui lá com o pano à mão, mas ao retirar os objetos como vasos, cinzeiros, canetas e papéis, acabei fulminado por um pensamento: - Existe no mundo algum conhecimento tão certo que nenhuma pessoa razoável possa dele duvidar?

O fato é que não depus o pano de mesa que minha sogra bordara e parei a olhar. Sentei-me. Parece-me que estou sentado numa cadeira, diante de uma mesa de determinada forma, sobre a qual via folhas de papel manuscritas ou impressas, via canetas, via cinzeiros. Virando a cabeça observo, pela janela, edifícios, nuvens e o Sol a se por. Creio que o Sol poente, entre rubro e violáceo, está bem longe da Terra; e, me parece, que é um globo incandescente, muitas vezes maior que a Terra; que, devido à rotação terrestre, nasce todas as manhãs, e continuará a fazer o mesmo no futuro, durante um tempo indeterminado.

Neste momento minha esposa entra, carregando os pratos e eu pergunto: O que é que você vê à minha frente?

- Vejo cadeiras, livros e papéis; vejo a mesa...

- A mesma mesa que sinto pressionada contra meu braço?, pergunto.

- Acredito que sim.

- Mas olha, digo eu, olha a mesa. Para a nossa vista a mesa é retangular, escura e brilhante, enquanto que para o tato ela é lisa, fria e dura; experimenta... quando a bato nela produz um som de madeira. Qualquer pessoa que a veja, sinta e ouça o seu som, estará de acordo com esta descrição.

- Embora eu acredite que a mesa é realmente da mesma cor em toda sua extensão, - minha esposa, pertinaz começa a implicar, - as partes que refletem a luz parecem muito mais brilhantes que as outras partes, e algumas partes, devido ao reflexo, parecem brancas.

- Ta!, mas eu sei que, se me deslocar, as partes que refletem a luz não serão as mesmas, de modo que a distribuição aparente das cores na superfície da mesa mudará. Minha esposa depositou os pratos num armarinho ao lado e passou as mãos sobre a mesa, dizendo: - Se várias pessoas contemplarem a mesa no mesmo momento, nenhuma delas verá exatamente a mesma distribuição de cores, porque nenhuma delas pode vê-la exatamente do mesmo ponto de vista, e qualquer mudança de ponto de vista produz uma mudança na forma como a luz é refletida. Assim como nós. Você nessa ponta e eu nessa outra.

Lembrei de um pintor. Um profissional que trabalhasse com a mesa. Levantei o dedo como quem dissesse: Eureka!

- Mas para o pintor são detalhes muito importantes. O pintor tem de perder o hábito de pensar que as coisas parecem ter a cor que o senso comum afirma que realmente têm, e habituar-se, ao invés disso, a ver as coisas tal como aparecem. O pintor deseja saber o que as coisas parecem ser, enquanto que nós, no dia-a-dia desejamos saber o que são, não é?

Minha esposa torceu o rosto e disse com certo ar platônico: - O que vimos torna evidente que não há nenhuma cor que de modo distinto pareça ser A cor da mesa, ou mesmo de uma determinada parte da mesa. Não é uma situação ideal.

- Concordo. No entanto, de pontos de vistas diferentes, a mesa parece ser de cores diferentes, e não há razão alguma para que consideremos uma delas como realmente sua cor, mais do que as outras.

As crianças apontavam na rua, vindo da escola. Alegres e brincalhonas. Jovens entre 12 e 16 anos.

- Eu vou além, - ela ainda disse, irrompendo em ousadia. - Sabemos que mesmo de um determinado ponto de vista a cor parecerá diferente sob a luz artificial, ou para quem é daltonico, ou que use óculos com lentes azuis -, enquanto que no escuro não haverá absolutamente cor alguma, ainda que para o tato e para o ouvido a mesa permaneça inalterável.

E minha esposa deu seu tradicional sorriso de vitória

Então ouvimos que a sogra entrava, com talheres e panos. Parou a nos olhar e escutar durante algum tempo. Mas, muito pouco tempo pois tinha ela a mania de palpitar sem saber do que se tratava o assunto. Eu falei bem alto, naquele momento:

- Portanto, a cor não é algo próprio da mesa, mas algo que depende da mesa, do observador e da forma como a luz incide sobre a mesa.

- Esta mesa não tem cor? – perguntou a sogra.

- A mesma coisa se pode dizer da textura da mesa. Podemos ver a olho nu as veias da madeira, - a sogra olhou para suas pernas, - mas ao mesmo tempo a mesa parece lisa e uniforme. – A sogra sorriu. - Se a observássemos por intermédio de um microscópio veríamos saliências, relevos e depressões, e todo tipo de irregularidades que são imperceptíveis a olho nu. – a sogra fez cara de raiva.

- Qual é a mesa real? – minha esposa perguntou, cruzando os braços, - não é esta?

- Temos, naturalmente, a tentação de dizer que a que vemos através do microscópio é mais real. Mas esta impressão mudaria, se utilizássemos um microscópio mais poderoso.

- Não podemos confiar no que vemos a olho nu, por que deveríamos confiar no que vemos por intermédio de um microscópio? – perguntou minha esposa.

- É isso mesmo... concordo com minha filha... Por que olhar a mesa com microscópio? Ela está aqui na minha frente, - disse a sogra.

- Temos todos o costume de fazer juízos sobre as formas “reais” das coisas, e fazemos isso de um modo tão irrefletido que chegamos a imaginar que vemos efetivamente as formas reais.

- Querido... Se a nossa mesa é “realmente” retangular, parecerá ter, de quase todos os pontos de vista, dois ângulos agudos e dois obtusos. Se os lados opostos são paralelos, irão parecer convergir num ponto afastado de quem molha; se são iguais, o lado mais próximo irá parecer maior.

- Geralmente não observamos estas coisas quando olhamos para uma mesa, - disse, sábia, minha sogra, - mesmo por que eu sempre penso em mesas para por pratos e nada mais.

- Mas a forma “real”, não é o que vemos!, - gritei e neste momentos crianças entraram, espantadas com o vozerio.

- Que é isso, pai?, para de gritar... ninguém é surdo aqui.

- Os sentidos não nos apresentam a verdade sobre a própria mesa, mas apenas sobre a aparência da mesa.

- Sobre a mesa eu só vejo um prato, - disse a outra criança. – To com fome... ninguém mais vai comer aqui?

Passei as mãos sobre a mesa com dificuldades semelhantes.

– A mesa produz sempre em nós uma sensação de dureza, - disse minha mulher.

- No entanto, - respondi, - a sensação que obtemos depende da força com que pressionamos a mesa...

- ...sim, e também da parte do corpo com que a pressionamos.

Falamos juntos: - ... diferentes sensações que resultam das diferentes pressões ou das diferentes partes do corpo.

–O mesmo se pode dizer de forma ainda mais evidentes... – a sogra atalhou como que invejosa de nossa harmonia na observação de tessituras, - por exemplo, há os sons que obtemos batendo na mesa.

–

Nesse mesmo momento as crianças começaram a bater na mesa pedindo alimentação e gritavam:

- A mesa é real! A mesa é real! A mesa é real!

Evidentemente que rimos daquela crônica rebeldia.

- A mesa é real se ela existir, minhas crianças... – eu disse, agora, trazendo pratos e outros talheres, tentando contemporizar.

- Se ela existe, não é idêntica àquela que temos experiência por pela visão, ou tato ou audição, – afirmou com muita convicção minha esposa como que dizendo que poderíamos jantar depois, mas antes tínhamos este problema para resolver, e continuou: - A mesa real, se é que realmente existe, não pode ser conhecida imediatamente...

- Imediatamente a o quê? – e as crianças continuavam com sua justa algazarra.

- ... de maneira imediata... – falava entre pausas e suspiros, - deve ser percebida através do que já é conhecido... conhecido.

- Eu entendi o que você falou.

A sogra, que ouvia atentamente a conversa, escondida no canto da sala, coisa que lhe era bastante peculiar, falou:

- Temos então duas questões... a duas questões mais difíceis. Existe de fato uma mesa real? Se sim... que espécie de objeto pode ser? – E, nos olhou com ares superiores.

- Queremos sopa! Queremos sopa!

Passei a mão pela cabeça, novamente. Ela tinha razão. Minha esposa largou meu braço e pude andar livremente pela sala. São os dados dos sentidos, pensei... as coisas conhecidas na sensação... cores, sons, cheiros, dureza, aspereza... Dados do sentido...

- Só sabemos pela sensação, - disse minha esposa.

- É... a sensação da cor, mas a própria cor é um dado dos sentidos, não uma sensação em si. A cor ... cor escura, a forma, a lisura... associamos com a mesa...

-Vamos dar um nome para a mesa... a mesa real, se é que existe... eh... nós a chamaremos objeto físico. Que tal?

- Objeto Físico! Objeto Físico!, - virou palavra de ordem para as crianças...

- Não... não pode... não pode por que não é! Por acaso isso parece vapor?

- Mãe!

- A coleção de todos os objetos físicos chamaremos de o nome de matéria. Que tal?

- Se a mesa não existe por que a matéria vai existir?

- Pode ser tudo energia pelo universo, ora essa, - opinou a esposa, com ar galante.

- E pensamento, lá, é matéria? – perguntou a sogra.

—O velho conflito mente x matéria.

—

- A existência da mesa não depende do fato de ser vista por mim ou vocês, depende de ser vista ou sentida por uma mente qualquer... – não necessariamente a mente de Deus, mas com mais freqüência a mente coletiva do universo.

- Mente coletiva? Que coisa é isso, minha neta?

- Tudo o que pode ser pensado é uma idéia na mente da pessoa que pensa; portanto, só as idéias nas mentes podem ser pensadas; qualquer outra coisa é inconcebível, e o que é inconcebível não pode existir.

- Que heresia? Bate na boca , menina!

- Existe, de fato, uma mesa real?, - a mais velha perguntou.

- Eu... estou... vendo... a mesa, - declarou a sogra.

- Em caso afirmativo, que classe de objeto pode ser?

- Essas crianças estão dopadas? É claro que existe uma mesa real, e, ela consiste em idéias na mente de Deus, - disse muito pia a sogra.

- Pra mim é uma colônia de almas, - afirmou o do meio, dando tiros para todo lado, como se estivesse num game. Onde ouviram tudo aquilo já nem sei... não pode ser na escola se não não existiria mais escola. Começaram, a debater entre eles.

- O que vemos e tocamos de maneira direta não passa de mera aparência, sinal, supomos nós, de uma realidade que está por trás dela.

- Mas se a realidade não é o que aparece, temos algum meio de saber se de fato existe uma realidade?

- A única coisa que sabemos a seu respeito é que não é o que parece.

O do meio reage: - Eu acho que é uma colônia de almas!

A sogra não deixa por menos: - Eu acho que é uma idéia na mente de Deus.

A mais velha não deixa a peteca cair e diz bem alto: -A ciência afirma que é uma coleção de cargas elétricas em intenso movimento.

- Em meio a estas surpreendentes possibilidades, acho que não existe em absoluto mesa alguma, - falei, enfim.

O caçula entrou com seus joguinhos e o pratinho plástico com um urso desenhado e perguntou:

- Se não tem mesa, como é que vamos jantar?

VASLAV, o UPIR

Veja como anda. Treloucado e tonto pelas ruas. Dizem que sabe grego e russo. Só não dizem para que serve isso tudo num país que nem fala seu próprio idioma. Nestes dias de sol, a roupa negra a queimar, e cabelos oleosos grudados na testa branca. Veja como anda. Sem muita unção e gritando desnortado contra as pessoas que riem quando ele passa exalando um intenso cheiro de bolor. Um ser decadente. Um pouco do polvorinho de cor verde sobre-jaz a sua capa anacrônica. Mas ele grita e pede sangue e, é quando mais riem as pessoas. Os incautos, eu diria. Mas com certeza quem mais dá medo é seu cão, um cachorro áspero de olhos esquálidos e pálidos.

Trôpego, quase sem forças para latir, coberto por um pelo griseo, como se um velho fora. Muitas vezes ele, Vaslav, o sujo Vaslav, se mostrou dessa maneira e em nenhuma vez - pena que ninguém se lembre, apenas eu - em nenhuma vez a aparição terminou bem, pois em seguida, na mesma noite, várias crianças desapareceram do povoado e ninguém soube ou quis explicar o porquê. A maioria era de crianças pobres, da vila – os vilões. Muita gente aplaudiu e pediu mais. Às vezes eram moças – principalmente moças menstruadas - e rapazes. Isso eu notei, e, por isso, um arrepio intenso alcançou-me quando Vaslav descia aos berros a rua por onde eu caminhava, arrastando seu magro animal por uma corrente de ouro velho. Queria me tornar invisível, naquele momento excruciante.

Limitei-me a dar um sorriso amarelo. Cor de ouro velho!

Nas caldeiras, nas calçadas cinzentas, nos morgues e entradas de cavernas ele já fora visto em formidável carreira – parecia sempre correr, o desgraçado -, ou em sinistra caminhada. Saindo de açougues, sob pontes arcaicas e atravessando o vale dos trigais, Vaslav era notado sem piedade. Preponderava a mofa! O desaforo. O medo intrínseco. E quando Vaslav percebia, ele gritava mais ainda.

Uma voz esganiçada, muita vez pueril, pouca vez amistosa.

Amistosa, nunca, a bem dizer! Lançava mil pragas aos céus! Agradecia abundantemente os campos santos e se esgueirava por eles desaparecendo entre tumbas e mausoléus recentes. No entanto a culpa era realmente do céus que o fizeram nascer daquele jeito. Desenhava nas paredes uma série de mapas que apontava claramente onde cada coisa do mal se escondia nas profundezas do que ele chamava Geena. No fim dessas sessões de pintura, Vaslav se espojava na vermelha e fria areia fina que estava sob seus pés, num surto inclemente, a saliva generosa escorrendo queixo abaixo enquanto seu cão se escondia temeroso. Muitas vezes Vaslava mordida seu cão. Em verdade, a cada irrupção emocional destas as casas ficavam vazias, cobertas de terror. E nesse meio tempo se dava a desapareição dos pequenos seres, dos jovens e das moças e dos aleijados e dos poetas notívagos. Mas, parece, ninguém ligava uma coisa com outra. Somente eu, que vi, um dia, todos os mongolóides sumirem do burgo.

Por isso, estou certo, nem bem terminarei de escrever essas linhas e terei de tomar qualquer tipo de providencia, pois sinto que uma lufada de vento frio se fez presente em minha casa. O vento veio prenunciado por um ganir fraco, mas odioso. Após o ganir, como se uma charrua se arrastasse pelas vielas estreitas do povoado, a porta da frente se abriu estrepitosa e terei, então, de medir forças com Vaslav, o pobre e desajeitado Upir, sedento do meu sangue. Meu e de outros, mas agora, quem está à mão sou eu.

Até hoje somente ele venceu essas lutas.

O curioso é que todas as vezes que eu me olho no espelho, nada vejo.

ÉGUA DA NOITE

Preâmbulo: Como se me apareceu em sonho

Joana do Orvalhal era seu nome: ela adorava esse nome.

Estava arrumada de véspera. Tinha dormido com a roupa dizendo que estava com frio. Partiu na noite. Sem vergonha... e era do que eu mais gostava... fica, até, sem sentido reclamar agora.

Orvalhal por que era portuguesa a sua origem. Partiu na noite. tão profundamente... correndo na noite com seus cabelos longos, soltos e rebeldes... a noite tomou aquela potranca sensual e levou-a consigo.

Eu me lembro do seu corpo sobre o meu.

Corpo é aquele modelar para gozo perpétuo dos sentidos. Joana do Orvalhal era assim e sabia que era assim! Metade do bairro sabia! Um terço da paróquia sabia... até as beatas sabiam que o padre já tinha provado das hóstias de Joana do Orvalhal. Na missa, quando separava as pétalas de hóstias do cálice ele lá lembrava de outras pétalas e outros lábios... vermelhos...rubros, tintos de sangue...

Levou só a roupa do corpo. Deixou a mala. Partiu na noite. Partiu a galope... correndo na beirada da praia até desaparecer na avenida.

Lá serei feliz.

Égua da Noite

Ela tinha ido embora.

Ela, com seu sorriso imenso e boca vermelha, tinha me deixado partido em dois homens diferentes: um com tesão e outro com dores e pânico.; tinha ido com seu rebolado, pelo mundo, sem a mala.

Joana do Orvalhal era seu nome: ela adorava esse nome. Dizia que quando eu ejaculava parecia o seu nome. Havia me deixado. Eu nem percebera. Estava arrumada de véspera. Tinha dormido com a roupa dizendo que estava com frio. E eu acreditando naquela conversa para boi dormir. E o boi dormiu. E lá se foi. Partiu na noite. Sozinha, talvez, sem mala, sem roupa, sem vergonha. Ela era assim... sem vergonha... e era do que eu mais gostava... fica, até, sem sentido reclamar agora. Orvalhal por que era portuguesa a sua origem. Ela nascera em Macaúbas, mas logo cedo veio para a cidade grande procurar emprego e achou. Conheci-a como recepcionista de um hotel em Copacabana.

Ela me deixou. Ela partiu. Partiu na noite. E eu meditava sobre isso, profundamente... tão profundamente que acabei dormindo e pensei... lá vai ela... correndo na noite com seus cabelos longos, soltos e rebeldes... a noite tomou aquela potranca sensual e levou-a consigo.

Do que mais me lembro... era do seu corpo sobre o meu.

Ela, sem dó nem piedade, mordida a mim, da cabeça aos pés até que eu ficasse muito vermelho. Ela achava ótimo. Eu não, mas queria agradá-la. Depois ela disse que isso era atitude de louco. Ela gostava de gente mordida, mas obrigatoriamente o parceiro não precisava gostar - ela compreenderia - e se não gostasse tinha de falar e se não falasse era um burro!

Esse era eu! Ela se foi por que eu era um burro!

E ela uma égua!

Eu já devia ter desconfiado quando a vi ajoelhada com a boca na calça do ascensorista. Mas nunca podia reclamar da sua liberdade.

Não posso dizer que a amava. Mas, posso dizer que precisava dela para sexo e devassidões. É claro que você deve escolher sempre o mais belo corpo para isso. E não há desculpas. A propaganda em TV e Revistas mostram e provam qual é o melhor corpo com que se deve desfrutar. Não! Não são as gordas nem as feias! Não se deixe enganar... corpo é aquele modelar para gozo perpétuo dos sentidos. Não seja politicamente correto que você vai se danar.

Joana do Orvalhal era assim e sabia que era assim! Metade do bairro sabia! Um terço da paróquia sabia... até as beatas sabiam que o padre já tinha provado das hóstias de Joana do Orvalhal. Hóstias abertas em duas.... vermelhas... sagradas e úmidas como vinho... sangrando na palma da mão.

Mas, ela se foi. Levou só a roupa do corpo. Deixou a mala e "o mala" que era eu. Partiu na noite.

Partiu a galope... correndo na beirada da praia até desaparecer na avenida. Eu não vi mas parece que foi assim. Só pode ter sido assim, para uma imagem cinematográfica e convincente.

A mim me resta o amor do papagaio e a solidariedade de gerânios semimortos que sujam o peitoril da janela. Ela bem que podia ter levado tanto o papagaio quanto esses gerânios ressequidos.

A lua brilhou entre nuvens e certamente um desses raios caiu sobre Joana.

A lua está meio doente hoje. A noite está nublada e certamente, em vez de um raio de luz, gotas de chuva desabarão sobre Joana, enquanto ela corre como uma potranca ensandecida na noite. Quem sabe se um relâmpago não acaba com toda aquela forma olímpica? Aí a vingança estaria completa e eu só me preocuparia em ir atrás de um corpo carbonizado.

Mas, na verdade, a polícia baterá em minha porta para encontrar um corpo morto, no futuro. Se os comprimidos não forem falsos daqui a duas horas estarei cavalgando uma égua noturna semelhante a Joana. Ela me levará para terra de devaneios e ódios...

Lá serei feliz.

TRES PEQUENOS SONHOS

Era primitiva

Quando acordei, sentia um sufocação que vinha de baixo.

Em pé, na minha frente, alguém ou alguma coisa brilhava como mil fogos.

Antes eu dava nome às coisas. Agora, tenho esse corpo novo!!? Parece que falta algo! Saliências e buracos, servirão para alguma coisa?

O flamejante parecido comigo se foi. Estava claramente furioso.

Ah! Lá vem outro. Nem flamejante e nem furioso. Esse me atrai.

Ele também, como eu, tem saliências e buracos, e pelos! Em baixo não parece ter buraco mas uma coisa pendurada. É até engraçado! Balança para lá e para cá.

Ele me viu! A coisa pendurada mudou de figura! Cresceu e ficou parecendo o galho de uma árvore. Ele vem para mim. Nossas coisas se juntam! Meu buraco envolve o galho dele! Dá vontade de tossir.

O sujeito flamejante veio correndo quando viu aquilo e não pareceu gostar. Gritava numa língua estranha! O que veio a mim não parou seu movimento. De repente ficamos embalados por um ritmo que não permitia mais paradas. Mesmo assim o terceiro e intruso, a meu ver, não parava de brigar e brandir a sua espada também flamejante. Segurava a espada com as mãos e dela saíam chispas. Pensei até que fosse o galho do outro.

Eu e o parceiro chegamos num ponto em que eu tive que gritar. Ele grunhiu! E aí nos deitamos na

relva, meio moles. Um líquido se esparramava no meu buraco. O galho dele tombara para o lado.

Fomos arrastados para fora daquele lugar por ordem do ser flamejante.

Quando acordamos estávamos num mundo habitado por seres iguais a nós.

Uma coruja nos espreitava da macieira.

Era mediana

Daquí de cima dá para ver tudo.

A Lua Cheia ajuda na descoberta de incautos de todas as espécies. Não! Hoje eu não quero crianças. Hoje vou atrás de qualquer homem cuja mulher o tenha desprezado nas noites.

Ah! Lá está um. E dorme sem roupas. Também, o calor é intenso.

Eu desço em alta velocidade e aporto na janela como a coruja da noite.

O Homem se revolve e os lençóis desabam. Seu membro está murcho, mas eu estou aqui para facilitar essa ereção. Sopro devagar sobre ele. A baforada quente faz com que algumas pregas se alinhem e a pele se manifeste. Passo meu dedo e ele se move. O sangue jorra nas suas cavernas e o que parece uma bolota vermelha se ergue. Ah! Um judeu! Nada melhor! Acabará nas fogueiras da inquisição mas, antes, derreterá na minha fornalha.

Minha língua passa pelo membro e ele fica intensamente pétreo.

Minha boca envolve o cetro do macho adormecido e o enche de saliva. Ele escorregará várias vezes para dentro de mim. Uma onda o envolve. O Homem grita o nome da sua mulher. Mas aí já é tarde. Eu sugo todas as suas sementes. Um jato quente e direto invade minha garganta e milhões de vidas lubrificam minha alma.

Ele se aquieta e eu parto.

A noite me espera e uma reunião está programada no meio da clareira. Lá derramaremos num caldeirão todas as sementes masculinas para a construção do nosso Golem.

Era moderna

Ele se vira para dormir.

Mas hoje eu estou molhada da cabeça aos pés!

Nunca fiz isso mas é preciso. Tirei o roupão lilás e me encostei nele.

Nada!

Tomei meu seio e passei na sua boca, mas ele ronronava e nem tomou conhecimento do mamilo duro.

Justo hoje! De tarde eu já treinava um pouco, sentando, de vez em quando, no braço da poltrona ortopédica lá do trabalho. O desenho roliço do braço da poltrona me fazia delirar.

Mas agora ele nem me olha!

Minha mão desce pela barriga e alcança meus pelos. Estão úmidos. Desço mais e agarro meus lábios. Estão úmidos. Estão quentes! Eu estou quente! Estou pronta! Não tenho mais nome. Sou apenas uma vagina querendo comer.

Enfio um dedo e a delícia me invade!

Enfio outro e uma onda me envolve, vinda lá do ânus.

Enfio a mão toda para massagear e quase babo de gozo sobre o meu próprio ombro!

E ele virado para a parede!

Abraço o homem e vou na direção do seu pênis. Está duro. Está na mão do homem. Lateja, está com febre.

Acendo a luz e vejo que o homem ejacula na sua mão.

Ele acorda e me olha:

"Oi amor! É você? Pensei que tivesse uma coruja na janela".

"Dorme", eu disse. "Amanhã a gente se fala".

E me deitei ao lado dele.

SEXO COM LIVROS

Eu tinha 15 anos quando fui violentada por um livro.

Era um livro denso e bojudado.

É, eu sei, minha mãe também riu. Só que imediatamente parou de rir quando eu disse: "não estou chocada(!)".

Porém, confesso, estava completamente deslumbrada.

Ela disse: "isso não pode!" mas, mesmo assim não deixei de querer mais livros.; "quero mais(!), quero mais(!)", gritei, "grossos e rombudos de capa preta(!) Bíblias, de preferência, Bíblias, grossas bíblias(!)

Acho que sempre fui meio iconoclasta.

Daí em diante eu passava a tomar iniciativas. Lá no meu quarto, sozinha, debaixo do cobertor, eu abria os livros e enfiava minhas pernas neles e ficava ali... gozando no livro.

Meu licor se espalhando por catálogos já ensebados.

Acredito que não haja nada mais bonito do que os lábios abarcarem a lombada como se fora um beijo úmido.

Minha mãe dava uma olhada e achava que eu estava apenas me masturbando da maneira usual.

"Isso pode", lá ela dizia, mas ela não sabia que eu estava trepando com as lombadas. Aliás, trepar foi um verbo que aprendi nos filmes, não nos livros. Com os livros eu aprendi substantivos e nunca me toquei com os verbos. Os substantivos ficavam lombeando no meio das minhas coxas, e, eu só não urrava de prazer porque metia um pedaço da fronha na boca.

Transpirava para caramba! Pensavam que eu mijara.

Então, me casei.

Não! Não foi um desastre como o da maioria. Mas descobri que o casamento – desastroso para a

maioria, assim o era por que eles não amavam os livros, suficientemente. Eles apenas lêem livros e o que se tem de, efetivamente, fazer é dormir com eles.; lambe-los, por assim dizer e por assim fazer.; excitar os livros, folheando-os com carinhos.; passar as capas nas suas nádegas, sentar-se neles, desejá-los... por isso eu adoro o meu casamento, podendo ser até que adore meu marido. Nada como um livro para o gozo.

Cada dia meu esposo me pegava com uma personagem diferente na cama: Gatsby, Ivanhoe (lê-se Aivanrrôu – sem vibrar os “rr”.; acento no Ai e no rrôu, como bem explicou o sábio Davi Campanhã) - para falar de românticos - mas, uma noite já me viu domando um Golém, subjugado pelas minhas possantes pernas de bailarina. Ele - o Golém - espumava por todos os lados e eu ia cavalgando a capa dura de cor vinho. Um outro dia era a espada de São Jorge que me instigava, toda púrpura. Longas noites!!!

Aconteça o que tiver de ser no futuro, nunca deixarei de louvar as ações excitantes que um livro pode proporcionar, mesmo que seja no luto. Foi beijando o Livro dos Mortos Tibetano que eu percebi quanto se pode gozar em um velório, mas, isso já será outra estória.

Fecho meus livros por hoje.

Fecho minhas pernas por ora.

POR QUE SOMOS FILHOS DA MESMA EVA

Primeiro aconteceu a criação. Eu não estava presente mas a primeira coisa que li, numa árvore, escrita no caule dessa árvore, pousada levemente na forma de letras e símbolos cuneiformes sobre a superfície da árvore foi a seguinte inscrição:

- “Adão! Amo você!”

Não estando lá para ver – imerso numa poeira de sono e um acre sabor de maçã na boca – assim mesmo meus pelos se eriçaram quando a frase foi parar na ponta do meu hemisfério direito. Só pude me desentender com minha própria sombra um mês depois. Mas, sombras, ocos e fantasmas eu só aprenderia no futuro. No agora daquele momento eu só notava, ainda que

perturbado, que minha anatomia se tornava em terrível inimiga minha.

Muito depois eu percebi que eram coisas divinas.

Depois veio a explicação do negócio da tal da maçã. E eu fanático, ensandecido, colérico e recoberto por algumas peles desnaturadas de caças e vegetais, vi-me sentado em uma cadeira de pedra, tendo ao meu lado uma fonte de aromas em forma de meu duplo. Minha duplo. Uma outra imagem de mim, meio diferente, se é que me faço desentender. E era aquela duplo que me dava mal formações que nunca tinha visto. Por exemplo: a pequena tromba que eu tinha debaixo da barriga inchava e inflava. As vezes dava cócegas. Às vezes não.

Quando isso acontecia os macacos riam.

O meu duplo – minha duplo – sorria, apenas e exalava mais perfume. Vi a tal pessoa receber redundantes corpos de cobras elásticas, num bailado contagiante. Vi também que ela não tinha a pequena tromba mas portava outros acessórios interessantes.

Em terceira momento, já cansado daquela patuscada, fui ao encontro dela. Persignou-se, como é

favorável para quem vem de fora, e, ao mesmo tempo, ofertou-me suas entranhas, um brinde a Baco – que até hoje desconheço quem seja -, abriu suas pernas e sua boca e disse:

- “Adão! Eu amo você! E fico com você para...”

- Sai daí! - gritei como quem canta e, uma nuvem de gafanhotos penetrou pela minha goela. Na verdade a minha intenção era dizer “vem, vem”, no entanto, saiu o que saiu.

Como se jardim cafeeiro eu fora brotaram bolinhas vermelhas pelo corpo. Era uma vergonha imensa que me atingia enquanto ela tomava a minha trombinha – que trombinha já não era mais, devo dizer a bem da verdade e da honestidade para com o leitor - destruindo minhas palavras uma a uma, enquanto naquilo soprava seu hálito quente.

Que coisa! E o resto de voz que se me permitiu ficar só serviu para dizer uns “uis” e “ais”, aprendidos na hora.

Inventava-se de tudo naquele tempo.

Ela não largava a trombinha – objeto transmutado em caniço – e começou a vasculhar minhas intimidades vulgares, tornando-se em Eva e Lilith, alternadamente. Uma me dava o seio e a outra comia meus dedos e regava canteiros com meu sangue. Ela(s) não sai(ram) e disse(ram) que a casa era dela(s), e também o era o caniço que virava lentamente numa trombeta estufada, prestes a explodir.

- Tá bem, então, eu sou de você(s)!!

Mas o anjo – não sabia que existiam assim, sem mais nem menos - não deixou e falou:

- Sai um e sai outro, por mais que vos ame! Sozinho "esse" coiso não sai! - E o coiso era eu, despreparado, pelado, desorientado, sem saber que a porta do Paraíso nada disso era se não uma coleção de cristais de gelo. Me virei e disse:

- Tchau Gabrié, até nunca mais, seu mané! - E, fui. Fomos.

Mãos dadas. Eu sentindo em sua(s) mão(s) um resto de fruta. Faminto, mordi a fruta e chupei a(s) mão(s). Percebi que aquela(s) mão(s) já haviam estado em outro lugar lá dela(s). Partimos daquelas paragens seguidos por alguns animais tão frustrados que pareciam nenhuns.

Na caverna, ou na grotta, sob a cachoeira, o que é que restava para nós se não uns coitos contínuos(?) naquilo que mais parecia uma terra de ninguém, incansavelmente habitada por um lote de macacos falantes e suas pencas - glamurosas pencas - de bananas maduras.

Eu e a(s) madame(s) chegamos para trazer a civilização e não fomos aplaudidos de pé.

Pela primeira vez os macacos comeram bananas cozidas, para em seguida se fartarem com a sobremesa especial: nada mais, nada menos que uma cucurbitácea.

Agora vivemos nós, ansiosos e analíticos.; pusemos os macacos para trabalhar na terra e fazê-la dar frutos. Quando reclamam, damos chibatadas – e isso é quase sempre. A gente até ri.

Quando o Gabriel se aproxima a gente finge que está morto de cansaço de trabalhar na terra.

Quando os macacos fazem direito deixamos que brinquem conosco, com nossa trombinha e a caverninha dela. Foi daí que saíram alguns dos filhos. Meio estranhos, os filhos.

E essa chuva que dura quarenta dias só pode ser desgosto do anjo aquele que nos mandou embora. Provavelmente morre de saudades, o danado, mas agora é tarde.

Alguns pássaros voam pela noite e, um deles há de trazer uma folhinha verdinha...

Esperaremos.

O SONHO

"Amantes num jardim vão tomados pela mão.

No ar, sobre as brumas, através das névoas, brancas imagens andando pela terra das flores.

E se beijavam na face. Na boca estão a beijar. Abraços tão fortes... intensos... tão juntos que eram um só.

Depois soaram sinos e o sonho se foi. Ele imerso na cela de um convento e ela num castelo. Sós."

Eu havia acabado de cantar essa música do Schumann quando me veio uma vontade imensa de ir ao piano e dominá-la, até que meus dedos se quebrassem. O truque usado foi amarrar sempre um dos dedos e executar a mesma peça com os outros restantes.

Quinze horas depois tive de usar um anti-inflamatório e um lenço amarrado na boca para impedir que soubessem das minhas dores e... da minha burrice.

O "lied" despertou aquele ímpeto - provavelmente, mas sem que eu pudesse provar nada - porque o autor também maluco fora. E morrerá daquela maluquice lá dele. Agora, a mim importava estimular a garota meio-soprano que cantava do meu lado. Que voz!

O meu desespero surgia por que eu queria mostrar os meus talentos musicais de ponta para que ela me notasse.

Os meus dotes de cantor eram medíocres!

No coro eu era um mero participante, apesar de ser um bom coro, mas eu já sabia que ela cantava em outras e melhores agremiações.

Depois de um desses ensaios noturnos tomei iniciativa e chamei-a para conversar. Era muito tarde mas estávamos parados na esquina. Ela sorriu e falamos sobre muita coisa. Coisas dela e coisas minhas.

Ela decidiu que deveríamos ir para casa. Na dela ou na minha, tanto fazia.

E fomos.

Vendo o piano ela mandou que eu tocasse para ela. Meu dedos ainda doloridos se recusaram mas eu aceitei de bom grado. Acho que toquei a madrugada toda, e quando parei ela não estava mais

alí.

Também, um chato sem galochas que nunca sai do piano não poderá levar mulher alguma interessar-se por sua pessoa.

Fui dormir. Tinha ensaio no dia seguinte.

Mas, ela não comparecera ao ensaio. Faltou naquele noite. Coisa que nunca fizera, pois era uma das mais firmes e indispensáveis ao coro.

É claro que foi uma droga de ensaio. O "Der Traum" do Robert Schumann pareceu vago e sonolento. O drama dos amantes não pareceu pior que o meu que me veria obrigado a um ato onanista antes de dormir. Ou isso ou mais quinze horas de piano.

Quando cheguei em casa percebi que não estava sozinho. Mais alguém respirava na penumbra. Aliás, várias pessoas estavam alí.

Lentamente, tremendo, transpirando como uma moringa de barro fui ao interruptor. A luz se fez presente e eu a vi. Eu a vi ao lado de duas crianças.

Oi! São meus filhos! todos sorriam para mim.

Eles adoram música e como você toca muito bem... é muito sensível... e traz muita sensualidade na sua música, eu gostaria que você ensinasse as crianças.

Claro! Mas, de madrugada? disse eu, entre abestalhado e aturdido.

Não! Não é só isso. Eu fico aquí com você. Moraremos com você. Sua casa é melhor que a minha. Não caberíamos todos lá.

Ri.

É claro que eu vou pagar. E você sabe como.

Como?

E mostrou o seu corpo bem arrumado e perfumado e insinuante e eu achei que aquela mulher era completamente maluca e eu também porque imediatamente achei tudo normal, conquanto que eu usasse condon.

As crianças riam e empurravam a mãe para mim. Pareceu-me que fagulhas chispavam dos olhos daqueles garotos, mas certamente, eram visões.

Eu ria e ia tomando conta dos seios da mulher. Apertei seus mamilos. A blusa que ela usava era muito macia, como seda e de fácil manejo. Sob a blusa duas maçãs e dois pregos durinhos.

Não ! Não fazia frio.

Vão para o quarto crianças. É hora de dormir. Eu e o papai temos muito que combinar preços e negócios. Entradas e saídas do pagamento.

Quando acordei não havia ninguém em casa e meus dedos estavam todos quebrados. A tampa do piano jazia ao lado da cama e estava destruída como se a pontapés.

Eu acabava de desistir da música naquela hora. Meus talentos não davam para tanto e resolvi visitar amigos de teatro que precisavam de um figurante para uma peça do Martins Pena. Fui. Peguei a vaga e toda noite participo da comédia, me divirto, coloco uma capa amarela e de vez em quando dou uma olhada na atriz principal.

Essas atrizes são sempre muito liberais.

Que vozes! Que corpos!

SEXO, MENTIRAS E LIVROS

A enciclopédia estava em minhas mãos ossudas.

Folheei com esmero e entre um vento e outro, as folhas abriram caminhos e asas para a lembrança. Eu me lembrei da Souzinha, enquanto a lombada densa da enciclopédia dormitava nas minhas mãos ossudas. A folha rósea do papel barato se mostrou, no segundo vento. E eu lia. E eu via a Souzinha se abrindo igual aquelas folhas e se fechando como o livro da estante. Livros mudos de estante.

Se eu marcasse um dia com uma pedrinha branca talvez fosse mais feliz, mas a única marca que me ficou foi o de uma pedrada - Souzinha era jovem, meio menina - e me lascou uma pedra na testa. Era uma cena bucólica, até, levemente campesina com odor de bosta e mijo de vaca nas ruas de Mococa, onde morávamos.

Mas, tudo bem.

A enciclopédia pesava e me trazia para a Terra.

Souzinha era leve, morena e um cheiro de pipoca na boca. Lembro que seus olhos não permitiam que as lágrimas se formassem neles. Logo as lágrimas subiam para o espaço.

Um outro eu, no âmago da idade juvenil, abriu os braços da Souzinha e dormiu neles. De novo, um outro eu, abriu as pernas da Souzinha e pousou ali a sua boca. Era a doce saliva no salgado do gozo da Souzinha.

A todo custo, de livro aberto eu percebia que me excitava. Um dilúvio alcançou o ventre da Souzinha e eu me vi enfiado numa fruta melíflua, enquanto ela me lambia desarvoradamente. Não era uma desgraça e isso certamente serviria para o futuro.

Mais alguns ventos e percebi que nunca houve futuros, somente presentes e que a enciclopédia podia muito bem falar de passados. Mesmo assim, sublimando a arte em favor da arte ousei cometer uma poesia impar que relatasse uma viagem pela boca veludosa da Souzinha. É claro que com as mãos apertando cada mamilo.

Essa arte ousada e despudorada haveria de perdurar, a não ser que queimassem meus livros. A vida

é que não, se bem que a vida só é tão curta por que nos acostumamos a isso. Aliás, nos acostumamos com o que põem na nossa mesa.

Souzinha não! Eu fui atrás dela... seu corpo me puxou e fui tragado pelas suas formas. Quando eu me dava conta as mão estavam no meio de suas coxas.

Hoje estão aparando as folhas levadas pelos ventos da tarde.

...

Um sono me chega.

...

A enciclopédia começa a pesar.

Afastado das coisas sagradas e sacralizando - por minha conta - o sexo com Souzinha, eu percebi que a criação em si é um erro. Se é que há criação e que há erros. Imbuído de segredos e acontecimentos principescos eu me baseei na antiga locução de que a sorte favorece os ousados. E era assim que Souzinha e eu nos amávamos, até aquela tarde, quando os ventos se tornaram violáceos.

Uma cacatua lançava seus apelos pelo ar.

As crianças diziam que era o pássaro bigorna.

E o bater desse metal não me iludiu. Era uma execrável fome de ouro que me punha descontente e me tornava esquecido daquela mulher. Ela se abria sobre mim mas eu me tornava bem-aventurado, então, ou seja, pobre de espírito e , em vez de beijar aquela vulva ardente que me lambuzava, não(!)... me afastava e ía procurar no computador algumas saídas para a solidão. Aí estava uma ação que acabou por destruir o mais insignificante dos valores vitoriosos que eu possuía, segundo minha mãe.

É claro que ela se foi.

A Souzinha... e não minha mãe.

Hoje recordo aqueles dias com um sorriso idiota nos lábios e uma leve sensação de que meu tempo passou e que o trem se foi, também.

Há quem diga que tudo pode voltar.

Esses profetas de esquina talvez tenham razão e aí então eu seja novamente o centro de atenção de alguma outra mulher e, é claro, Souzinha será esquecida, que é o que se deve fazer com os mortos, ou com aqueles que deixam você lendo enciclopédias e compêndios de uma sabedoria errática, mesmo estando cobertos de razão.

NO GOZO DE UMA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Como uma gazela vinha eu vestida de seda vinho e um corpo balzaquiano, daqueles descritos pelo velho Honoré. Dos bons.

Meu marido estava inteiro, da raiz à glândula, visível como um Apolo que se senta diariamente ao computador. Um pneuzinho sensual, a altura do abdome, aparecia ao lusco-fusco do abajur. Deitei-me de bruços, como ele gosta. Ergui as nádegas... como ele gosta, e peguei, da mesinha de cabeceira, o livro de filosofia contemporânea... como eu gosto.

O livro expunha de maneira clara e penetrante as principais correntes de filosofia da atualidade e eu gemia, lânguida, enquanto o autor se debruçava sobre mim, armado de conceitos e pareceres excitantes. Na oportuna introdução tive de fletir os joelhos, tamanho o volume e a solidez que chegavam ao mais profundo do meu ser. Juro que ouvi um leve gemido. Meu marido arfava enquanto eu ainda não havia passado da folha 25!

A introdução tinha sido breve como quem abre espaços para experiências mais profundas e tentadoras.

Esperiei de boca aberta.

Quanta palavra doce chegava ao meu ouvido. Um hálito transbordante de pasta de dentes! Que livro!

Uma gota de suor descia, escorrendo sobre minha face calculadamente limpa com produtos cosméticos... como ele gosta. Senti que as mãos do marido me viravam, enquanto eu, sofregamente, me dirigia à página 30, onde se falava no indivíduo, na sociedade e na cultura...

insana, eu lia e adorava.

O suor que caía, agora, era o do meu marido que fazia de tudo para gozar e me fazer gozar. Eu estava nos heterodoxos pujantes quando gemi de maneira portentosa. Sentia que a língua amada deslizava pelo meu ventre desnudo. Que danado, era esse marido! Nem Kierkegaard valeria tanto a pena... na cama é claro... pois, dentro das folhas de um livro e na agonia de um pensamento, Kierkegaard era imbatível!

Enfiei a cara nas páginas e comi uma delas inteirinha.

Foi aí que meu marido quis subverter alguns valores... ou, no mínimo... posições! Tomou minhas pernas e colocou-as sobre seus ombros. Seus cabelos longos caíam sobre meus joelhos! Que perfume! Aquela imagem materializou-se na página 43... eram as mônadas de Leibniz, como centros de atividades. A minha mônada íntima, a muito úmida caverna platônica, se alvorçou quando nova e penetrante investida do marido se aproximava. Que delícia! Eu me individuava, escaldante! A cada penetração nas minhas vastidões eu me identificava comigo mesma... me tornava mais eu... me conhecia mais, desfazendo a idéia de que quando o casal se ama torna-se uno. Dois, no final. O marido e eu. Cada um de acordo com o seu ser.

Eu gozava!! Sartre nos tornava em não-ser!!

Novamente ele saiu de dentro de mim no momento em que eu chegava à página 86. Apaixonada, mas já sem a paixão da fé, no âmago do desejo, resolvi burlar os valores morais da burguesia, como mandava a linha três do primeiro parágrafo. Ainda com as pernas nos ombros do marido - e sabendo que nessa posição a costura anal fica mais frouxa - lambuzei-lhe o cetro de uma pomadinha calêndula da vovó e "sóof"... lá se foi o marido para dentro do meu tubo retal. Que cilindro, ele tem!! Em uma só penetração baixamos por terra toda uma teoria judaico-cristã. E, olha que eu tinha medo... mas, no ápice do gozo...!!! Que nada, belo!!!... Na 87 eu lia que a afirmação da extrema individualidade é o êxtase dionisíaco. Eu só fiz experimentar... um ato empírico... meu marido como um fauno que persegue sua ninfa e a toma pelo rabo... nada mais dionisíaco que isso. Enquanto ele me saboreava eu abria o ânus e a garrafa de vinho da mesinha, e sorvemos alguns goles rubros em homenagem a Baco ou Dionísio. Estávamos além do Bem e do Mal e nossas atitudes eram humanas, demasiadamente humanas.

Depois, retornamos ao estado burguês, lá pela página 132, quando então nos voltava a percepção dos corpos, a queda e redução de tamanho das carnes masculinas. Tudo variava nos fatos, mas não na contingência que os marcava. Senti me esvaziar. O apetite se fora.

Meu marido dormitava sobre meus seios, descansando... eu meditava, relendo a lombada do meu livro e as letras douradas ... e um lapso...!

A minha leitura na noite caminhava para o fim. Os olhos semicerravam-se quando à página 188 topei com a conclusão de Wittgenstein, de que devemos silenciar sobre aquilo que não podemos descrever.

Depositei meu livro na cabeceira iluminada e dormi, sonhando com meu marido. O Orfeu que veio tocar canções de desejos nas minhas líras carnavais.

O PROJETO

Malas espalhadas. Uma idéia de Pedro Caminho Verde. Fui contratado com uma mão na frente e outra atrás. Também... mas, não tão bem, eu só tinha um sanduíche para comer e não comi. Verde intimidada, conclui, principalmente quando se usa azul... confunde quem está em campo... “Foi com esse time que combinamos jogar?” No entanto, Pedro incluiu uma tetraciclina na merendeira do garoto e isso era parte do projeto... não a parte principal, mas aparte que causaria comoção... uma das partes... Era meu dever fazer o garoto comer o sanduíche que eu não comi.

Bem... as longas viagens de metrô me fizeram com fome... havia barcas nos metropolitanos pois a cidade estivera sob águas... torrenciais águas. Diluvinais águas... juro que vi um par de lhamas sobre a jangada do caçara... em São Paulo... mas segui meu caminho. Longas e curtas-metragem, websites, uma oferenda de Pedro Caminho Verde à dama das águas... não sei... era o projeto... algo como website sob as águas, foi o que entendi.

Removi as instalações, apaguei do computador as performances, exigi dos editores publicações mais de acordo com o medo da população, reví conferências e memorandos, no entanto, o projeto seguiu em frente... só não sabia se tinha alguma meta. Rose, às 9 da manhã já havia seguido para reunião que Cesar marcara. Parece que outras metas deveriam se cumprir antes do pôr-do-sol. Souberam que o Homem Mau chegara na cidade. E, todos já sabiam que um ia morrer, etc...

Aparentemente, mas não transparente, e, tão abrangente se bem que menos complexo, eu mesmo decidi que o projeto tinha que inibir o entendimento entre interagentes... isso eu achei. Recebi de Pedro uma carta dizendo que fizera besteira. Recebi, até mesmo, críticas de subalternos. Não gostei. Sai do metrô e atravessei a Santa Cecília inteira. Passei na igreja e peguei um São Francisco de látex que Beralda – codinome, evidente – havia pedido para vir da Itália. A senha era: bento pelo Papa Bento. Quando chegasse ao ponto de interação – dos agentes interativos, claro, – o outro deveria dizer 16... se tivesse mais de um teriam que multiplicar. Mas isso foi só a impressão inicial. Fiz o que deveria e corri subindo a Viridiana. À medida que os meus olhos se acostumavam com a pouca luz da selva de pedra paulista... luz azul e penetrante... comecei a compreender que a

estatuetinha na minha mão estava destruindo o projeto. E, ao contrário do que se poderia supor, não esperei novidade na espoliação do projeto. Parece que eu intuía essa vertente de Pedro, jogando as pessoas na fogueira assim como quem ouve o cão ladrar ou como quem salta do 4º andar.

Fiz o sinal, mas não o da cruz, e subi no ônibus que me levaria para a Vergueiro. As novidades, se houvessem, teriam de subir bem mais, a meu ver, na escala de perigo do projeto... vi de soslaio que era seguido... isso me satisfez o ego mas senti medo... então era assim que tratavam seus agentes... muito menos do que a natureza mesma dos trabalhos apresentados.

À primeira vista, munido de óculos de cádmio, fixei um vapor amarelo na camada mais exposta da parede do ônibus... a exposição dessa atitude fez com que dois ou três sujeitos bem encarados se levantasse para retirar a estatuetinha das minhas mãos... foi uma derivação do método... justaposição irracional de objetos, ação violenta no coletivo fazendo todo mundo gritar, uns pisaram no meu pé na fuga, vi uma arma que subia, vi uma luz que descia, não vi mais nada.

Especulação sobre a natureza da memória? O sentimento de nostalgia que me tomou foi duro mas a perda do santo foi pior... como dar continuidade ao projeto? Ou será que isso fazia parte... fazia parte... fazia parte nada!... a reunião desses objetos suscitaria uma códiço? Não sei. Parece uma exposição gigante. Um out-door que me anunciasse: Sai! Acabou tua parceria. Então o meu cartão tocou e tive que correr para um fone de rua... Não tenho celular pois dá câncer no ouvido... Corri! Quando atendi era Pedro pedindo uma reunião sem sentido. Dizia que queria todos os objetos afastados das janelas por que os olheiros se preocuparam com a viabilidade deste tal projeto. Desejavam me afastar das funções, isso sim... de minha função utilitária. Soquei o fone e ele se quebrou... perdi a ligação sem poder explicar coisa alguma: um enorme porco empalhado passou na minha frente e parecia vivo, depois as rãs testemunhas vestidas de freiras, em seguida os brinquedos velhos, as montanhas de gelo seco; cobri com ligeireza os livros e rasguei os cartões de fone. Estava só e sabia que viriam atrás de mim...

Comprei alguns postais empoeirados que teimavam em mostrar uma imagem nunca existente de palácios, ruas e rios belos. Sufoquei os testemunhos da memória tentando decorar quarenta páginas de números telefônicos aleatórios; depois revi encontros e calculei perdas; o entendimento que me restava valeu para esculhambar com as portas do meu quarto fingindo um assalto; joguei toda a catalogação nas ruas e os transeuntes apontavam para cima; era mister descarregar códigos de ruptura com as centrais... enfim, eu me libertava do projeto, me via sozinho e livre... era a sensação; e, mais a solidão, e mais as alegrias, a possibilidade de viagens, fugindo das prisões reais e das imaginárias, surgia um sonho de liberdade etc. Blá-blá-blá..

Objetos aleatórios passaram pela calçada, novamente, porcos, rãs, freiras, juntados, classificados, como se fizessem parte de um processo – o projeto - aparentemente interminável, confundiam-se com um trabalho artístico mas era um cerco, como processo, algo assim que se inicia, deixa você um tanto aturdido, mas que não termina. Eu sabia disso pois fui treinado para saber disso, não me venham com papo furado. Alguns objetos do projeto – luminárias, clipes, arames, farpas, isoladores de giz e outros, estão contidos em malas e pacotes e bolsas espalhados pela Luz, pelo Ipiranga, pela Mooca... outros não, mas, nada mais direi para que se permaneça alguma coisa em segredo... simplesmente, postos como sobre uma mesa para que ceemos amistoso e gentis

enquanto Pedro envia seus seguidores para um cerco, para o meu cerco... enorme cerco. Queriam a mim dentro de gaiolas. Aqui.

Impossível saber de quantas pessoas estavam no projeto e no cerco. Poderiam ser coisas distintas? Num primeiro momento, não associei se o material das malas e bolsas e maletas e sacolas, se eram de Pedro mesmo ou... sei lá, com as inovações, com as modernas introduções de códigos e nomes, sei lá... trazida ao campo das artes, não sei se os números caberiam nesses campos, não sei... me pareceu confuso... Pedro era confuso, às vezes.

Bem... corri pelas ruas do Centro e estava na praça Marechal. O apartamento de Beralda – codinome, evidente – era à direita, no quinto andar no número 390, mas poderia ser mentira.. uma armadilha... Eu sabia, pelos movimentos da guarda, que um dos agentes, o de nome Francisco, igual ao santo da estatuetinha, já havia retirado todos os objetos valiosos do apartamento... era certamente uma armadilha... Beralda seria conivente?

Soube depois, coisas do projeto, que Beralda era do início do século passado e, tinha voltando mais ainda no tempo; seu escritório se prolongava com os gabinetes de curiosidades, aumentava os espaços com verdadeiros quartos das maravilhas, e seus objetos científicos – lupas, espelhos, cinzéis - me eram fantásticos ao mesmo tempo que me faziam refletir. As suas centenas de espelhos e lápis acionaram minha memória... os objetos, as caixas em valises, malas e maletas com dobras interiores, e as características bolsas pulcras, malas puras, eram, certamente a maior influência sobre o projeto de Pedro Caminho Verde; eram construções feitas com restos, porém, tarde demais... o cerco se fechou e eu me vi atirado contra a parede e furado por milhares de balas. Sangue na calçada.

Está tudo lá, contudo, não sei de mais nada já que morri e, mesmo parecendo, poeirento, semelhante à qualquer coleção de museu, é impossível lembrar de mais detalhes depois de morto. Desculpem.

A GOTA D'ÁGUA

Uma gota d'água, sem comparação com qualquer outra gota conhecida subiu estátua acima e depois despençou em uma tela; era a primeira vez que eu via um experimento anti-gravitacional, assim, frente a frente; páginas de livros foram abertas e muita foto colorida apareceu, sendo que 90% dessas fotos pertenciam à gota d'água.

Papéis voavam displicentes e vários deles se grudaram na estátua agora úmida... uma infinidade de gotas resolveu alar; de diversos pontos para múltiplas direções; alguns padres expectantes disseram que se tratava de evidente milagre produzindo em laboratório. As imagens estavam contidas no filme digital que Laura produzia com máquina de última geração. A última tempestade nos veio quando todas as gotas que subiram desceram estrepitosas... eram fragmentos de movimento, mesmo abrindo os guarda-chuvas, relacionados ao acaso, pudemos nos esgueirar da umidade.

Indicaria eu a porta caso não estivesse mais interessado em Laura do que no experimento.

- Talvez seja obra do demônio, - disse o padre benzendo-se.

Da rua, em meio a estratégia de divulgação e trânsito incompleto, uma possibilidade de percurso, horda de trompas mantinham o ambiente mergulhado em caos; a noite caía e percebi que Laura se coçava, ela que estava sem mapa, perdida talvez(?) no labirinto arquitetônico.

- Evidente que eu estava com medo, - falei bem alto, mas ninguém ouviu.

Vou tentar visualizar: - as gotas subiam, as pessoas corriam através do movimento de cada uma destas imagens, Laura sacudia a cabeça e ria e se coçava, apesar da quantidade de papéis que segurava; era isso tudo o desenho de uma possível leitura. Aqui, o espectador foi convidado a partir, no entanto, muita gente queria saber do destino das gotas; foram, estes, considerado como subversivos, o padre inclusive. O alto-falante vociferava que a Guarda Nacional estava para chegar; aqueles que faziam parte do provável desenho e do provável estudo das gotas d'água, foram deixados de lado e eu, que entrara ali para buscar uma pasta esquecida, vi que da possível forma mutante e mutável que nos abraçava a todos em forma de estátua, surgia a interação entre o observador e a coisa observada.

- E daí? – pensei, não muito inteligentemente.

Neste caso e nesta situação, Laura se aproximou, ainda rindo, tomou do meu braço e grampeou minha mão com alfinetes e cliques brilhantes. Doeu. Os espectadores também riram mas, isso não durou um segundo pois uma torrente de água desabou furiosa sobre nós. Não... nada ocorrera com

aqueles que assistem e esperam; a coisa parecia ornada de mistérios e dependia de decifrador de códigos; além do mais uma série de balaços ecoou no ambiente assim que a estátua perdeu alguns dedos; temi que fosse a Guarda Nacional. Prestidigitadores foram chamados para apertar rapidamente os botões do console; decifraram outros códigos mas as gotas d'água novamente se formaram (da onde? do chão, do ar? que sei eu?). Os prestidigitadores participaram, sem querer, da construção poética que era o piscar de legítimas luzes de cádmio. Foi a partir do diálogo de luzes e apitos e buzinas e galope de rinocerontes (os animais que a Guarda Nacional usava), e, sem quebrar o encanto, que ocorreu a interação com as formas sugeridas pelas gotas d'água, surgindo outras formas.

Laura segurou meu braço mas, eu tirei minha mão, imediatamente. Vai que ela grampeia outra vez. Ela não gostou, ou melhor, suspeitou que eu perdia meu interesse por ela, ou melhor, percebeu que eu não estava para brincadeiras, ou melhor, sentiu-se ofendida afinal os grampos eram dela. Passei a mão na minha pasta e, aceitando o bombardeio de luzes na aberrante leitura que faziam os verdadeiros convidados para a experiência, vislumbrei uma maneira de sair dali; eu procurava uma maneira de ver através de vidros, uma tentativa de enxergar a forma do todo sem ajuda de ninguém; Laura apareceu ao meu lado e tentou me segurar como se no fragmento do plano estivesse contido o grande movimento; forcei a caminhada mas foi justamente no momento em que a Guarda Nacional adentrava o recinto, chacoalhando o ambiente com seus paquidermes, rinocerontes róseos, em consonância com as estruturas mentais dos prestidigitadores.

A Guarda Nacional é um capítulo aparte. O traçado de seus movimentos é tratado aqui como um desenho arquitetônico, mas se perde na artes do militarismo moderno: um labirinto que se organiza com a participação do outro. E o outro era a o estabelecimento da Ordem, coisa que se extinguiu na alvorada do século.

- Nós e o labirinto organizacional tornamo-nos imagem do próprio ser, - disse-me um dia um general 8 estrelas que comandava certa invasão de luas.

- Um saber aberto, - eu disse pensando que se tratava de um debate.

- Não! – gritou ele, - interdisciplinar é o catso, mas, em movimento, sempre sujeito ao risco da perda de orientação, pois sem Progresso e Ordem, não há controle.

Eu ainda quase que falava que controle era coisa de velho impotente mas desisti. Eles são impotentes mas usam armas, ainda e o mapeamento do labirinto só se deu quando deputados de várias nacionalidades obtiveram maioria para acabar e vez com esses monstros militares, transformando-os em Guarda Nacional. Tiraram-lhe as armas. Mantiveram sua impotência. Deram-lhe pijamas listrados. Hoje a organização militarizada – são umas sete – encontram-se em movimentos independentes e giram, tontas, em torno de sua própria órbita e de vez em quando se chocam, se interagem em cruzamentos em pontos diferentes e morrem aos poucos.

Hoje o fenômeno da gota d'água fez com que a sineta tocassem e Guarda fosse chamada. A gota que sobe ou cai é assunto estudado por cientistas de muitos países; como uma chamada inicial, os laboratórios agora dependem que se descubra as regras de Coriolis e para onde água gira... todas as águas, qualquer água de qualquer hemisfério... um bater na porta do inconsciente coletivo Junguiano; os cientistas esperam abrir uma fenda, uma passagem por onde se vá um cano, para o mundo mental, quiçá animal, o mundo dos sonhos, no terreno dos devaneios, nos meandros da memória. Querem usar a água para isso. Entronizaram tales de Mileto na porta principal da Universidade. Gotas que batem na água, gotas que sobem pela estátua, que reverberam em círculos concêntricos, imitarão ondas de transmissão mental.

- Existe uma forma subjacente, - dizia Laura, querendo me agradar, - formas que permitirão comparações... formas que carrearão as artimanhas da mente!

- E eu perguntei alguma coisa? – levantei minha mão para que ela visse. – Ainda tem uns grampos que não consigo tirar...

Ela sorriu. Uma forma. Eu olhei para a porta. Outra forma. Não passaremos nós todos nada mais do que formas no Universo? Princípios organizados?

- Quem disse princípios, aí? – alguém gritou no meio da turba. – Não há princípio algum... somos imagens e abstrações... fenômenos, sim, que presidem o sistema interno de relações.

- Onde é que vim parar? , pensei.

No início da confusão os rinocerontes pisotearam sofás e bancadas. Foram rapidamente controlados pelos militares; a questão não era dentro do prédio da Universidade mas lá fora; a rua estava intransitável pois todos queriam ver as gotas d'água que subiam; e aquela rua era percurso obrigatório; por sua vez os militares querem sempre bancar engraçadinhos e fazem o que não mandam.

Laura me pegou péla mão e beijou minha mão. Atenuei o medo.

- Vamos embora, - ela disse.

- Estou tentando... m,as nem você nem esse pessoal aqui me deixa...

- Desculpa...

Deixei fluir do inconsciente todas as minhas motivações a água, sob a influência de Michelet... movimentamo-nos em meandros e corpos e pude aproveitar para apertar os braços e Laura; enquanto seguia percebi que as gotas d'água seguiam em cursos indeterminados e imprevisíveis.

- O universo está impreciso, - gritei.

- Indefinido, - Laura falou um tanto vaga.

- Os velhos caminhos... – eu disse sem nenhum a convicção, levantando minha pasta sobre a cabeça.

- Elas percorrem caminhos labirínticos, parecem estruturas mentais.

Na porta de saída estava Vygotsky, fazendo anotações. Os professores o citam a valer mas nunca o aplicam...

- Vai ficar aí?

- Vou... ainda não terminei de anotar os fragmentos de água... as gotas, sabe...

- Sei, professor, mas a balbúrdia está muito grande...

- É...

- E... a teoria do conhecimento... como anda?

Vygotsky sorriu?: – Muito bem... sabe, percebi que o cérebro se molda medida do seu desenvolvimento. Por isso meu interesse com essa experiência de não-gravidade, água que sobe e que desce.

Prensado na parede mas sem desgrudar de Laura eu falei: - Tem gente que nega a força gravitacional, ta sabendo?

- Ah, é?

- Não só nega como também prova...

Não deu mais para ouvir o que ele falou. Fomos empurrados para fora do prédio por uma manada. Cheguei a captar fragmentos do tipo... processo... aprender... conhecer... interação... mundo ou imundo... expansão.

Eu e Laura chegamos praça. Sentamo-nos no banco e percebi que havia pego a pasta errada..

Aberta a passagem para a rua, o fenômeno com a gota d'água, pareceu absorver a atenção da bairro inteiro; tomei da pasta, as páginas do livro me pareceram inúteis, mesmo que eu reabrisse a todas

elas. Joguei no primeiro lixo que vi. Olhei para trás.

- Você não vai querer voltar, não é?, - Laura perguntou.

Neguei com a cabeça. A minha busca intencional estava contida na memória... na memória de homem.

- Era muito importante?

- Era o segredo que explicava o fenômeno da gota d'água.

- Então... você...

- É melhor nem falar... deixa do jeito que está...

No percurso pela calçada, braços dados a Laura, foi como andar com mapa em meandros de ilhas, expulsos de um Éden original. Ela apertou minha mão.

- Ainda dói?

- Que idéia de grampear minha mão.

Longe da Universidade as ruas estavam vazias... O vento dançava com as páginas soltas de lixo terceiros, desenhavam no ar as muitas linhas da espontaneidade, da irregularidade que sempre esperamos, da desordem sem códigos, da incerteza sem profecias, do imprevisível multidimensional.

O mundo estava muito chato com cientistas descrevendo tudo.

As gotas d'água, as páginas soltas, a estátua decadente, movimentos aleatórios, os múltiplos sentidos, e as expansões da mente... tudo isso sincronizados ao beijo que eu e Laura trocamos.

A poética em expansão.

EDITORA ALTERNNATIVAMENTE